



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

A influência das Artes Visuais na criatividade da criança

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Ana Rita Pombo Alves Carvalho

A influência das Artes Visuais na criatividade da criança

Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico,
apresentada ao Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior
de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação do

Professor Doutor Bartolomeu Adalberto Figueiredo Paiva

Setembro, 2023

Agradecimentos

Com a concretização deste relatório encerra-se um capítulo muito feliz da minha vida, repleto de aprendizagens, amizade e dedicação. Foram muitos aqueles que contribuíram para esta conquista e que, de alguma forma, não permitiram que eu desistisse. Acabo o meu percurso com o coração mais cheio e preenchido do que quando comecei e por isso, o meu primeiro agradecimento vai para a Escola Superior de Educação de Coimbra e todos aqueles que formam parte dela.

Agradeço ao meu pai, mãe, irmão e restante família pelo carinho, apoio e motivação para alcançar os meus objetivos.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Bartolomeu Paiva, por ter aceitado orientar-me neste relatório, pela motivação e pela ajuda ao concretizá-lo.

À educadora cooperante da prática educativa desenvolvida em contexto de Educação Pré-escolar, pela disponibilidade, colaboração e motivação.

À Eduarda, Sofia, Tatiana, Lara, Ângela, Chagas e Marisa, por toda a amizade, apoio e carinho que nos acompanharam ao longo desta aventura. Obrigada por todos os momentos que me proporcionaram.

À Laura, que juntamente com a Sofia, foi um porto de abrigo ao longo dos meses de Erasmus em Barcelona e continua a sê-lo.

Às minhas madrinhas – Joana, Maria e Vanessa – e afilhadas – Guiomar e Laura, que me proporcionaram experiências muito especiais durante estes 5 anos académicos.

À Patrícia, não só pela amizade, mas também por ter sido uma colega incrível ao longo do estágio em Educação Pré-Escolar, contribuindo para o sucesso das atividades desenvolvidas ao longo deste relatório.

Às minhas amigas e amigos, Cátia, Maria, Inês, Mariana, Bruno e Rodolfo por todo o apoio, paciência, motivação e carinho.

Ao meu afilhado Lourenço, por ser uma luz e alegria na minha vida.

A todos os restantes que se cruzaram comigo ao longo desta jornada, o meu muito obrigada!

A influência das Artes Visuais na criatividade da criança

Resumo: O presente relatório insere-se no âmbito da conclusão da formação como educadora/professora, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Tem como propósito demonstrar a influência das Artes Visuais na criatividade da criança, partindo da questão “De que forma as Artes Visuais influenciam a criatividade da criança?”, questão que na sua essência incorpora também um dos objetivos deste trabalho, sendo que devem ser considerados também os seguintes: planear e implementar um conjunto de propostas relacionadas com as Artes Visuais, promovendo a criatividade; observar e compreender o impacto das atividades na aprendizagem das crianças. Baseia-se na fundamentação de conhecimentos científicos, pedagógicos e didáticos e culmina numa intervenção em contexto pré-escolar, que pretende provar a existência de uma relação entre criatividade e Artes Visuais. Para o efeito, partiu-se da exploração do livro “Não É Uma Caixa”, de Antoinette Portis, seguida de construções com caixas de cartão, de modo a materializar-se uma nova versão do livro com os produtos finais. Neste documento, evidenciam-se também as potencialidades da utilização das Artes Visuais no ensino/educação. Assim, promovendo um espírito crítico e exploratório, ao longo das sessões, adquiriram-se aprendizagens e competências para o desenvolvimento pessoal e profissional, tanto das crianças como dos docentes implicados. Como conclusão, cada uma das crianças envolvidas desempenhou um papel ativo na construção do seu próprio conhecimento, promovendo o seu desenvolvimento de forma significativa, em contacto com o meio envolvente. Dos resultados obtidos verifica-se que as Artes Visuais são valorizadas fundamentalmente em contexto pré-escolar e relegadas para segundo plano nalguns contextos do 1º Ciclo do Ensino Básico, ainda que sendo fundamental para estimular diferentes competências nos alunos.

Palavras-chave: Educação, Artes Visuais, Criatividade, Educação Pré-escolar, 1º Ciclo do Ensino Básico.

The influence of Visual Arts on children creativity

Abstract: This report is part of the conclusion of the training as an educator/teacher within the scope of the Master's Degree in Pre-School Education and Primary Education (1st Cycle). Its purpose is to demonstrate the influence of visual arts on children's creativity, starting from the question "How do visual arts influence children's creativity?" This question incorporates one of the objectives of this work, which also includes the following: planning and implementing a set of proposals related to visual arts, promoting creativity; observing and understanding the impact of activities on children's learning. The report is based on scientific, pedagogical, and didactic knowledge and culminates in an intervention in a pre-school context, aiming to prove the existence of a relationship between creativity and visual arts. To this end, the exploration of the book "Not a Box" by Antoinette Portis was undertaken, followed by cardboard box constructions to materialize a new version of the book with the final products. This document also highlights the potential of using visual arts in teaching/education. By promoting a critical and exploratory spirit throughout the sessions, both the children and the involved teachers acquired personal and professional development learning and skills. As a conclusion, each of the children involved played an active role in constructing their own knowledge, promoting significant development in contact with the surrounding environment. The results indicate that visual arts are primarily valued in the pre-school context but sometimes neglected in certain contexts of the 1st Cycle of Primary Education, despite being essential for stimulating different skills in students.

Keywords: Education, Visual Arts, Creativity, Preschool Education, Primary Education.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO E PERTINÊNCIA DO ESTUDO.....	4
1. Contextualização, relevância e finalidades de investigação	5
PARTE II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6
1. A Educação Pré-escolar	7
1.1. A importância da Educação Pré-escolar.....	7
1.2. Estratégias das didáticas de ensino	8
1.2.1. A importância da leitura de histórias.....	9
1.2.2. A criança como agente ativo da sua própria aprendizagem.....	10
1.3. O papel do educador/professor na relação com as crianças	11
2. A educação aliada às artes: uma visão integradora da escola.....	12
2.1. As Artes Visuais na Educação Pré-escolar.....	12
3. A criatividade infantil	14
3.1. A importância do estímulo da criatividade na educação Pré-Escolar.....	14
3.2. A liberdade para a criatividade na Educação Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico	15
PARTE III – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	18
1. Apresentação do estudo	20
1.1. Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	22
1.1.1. Observação	22
1.1.2. Registos em suporte escrito.....	23
1.1.3. Registos em suporte fotográfico.....	23
1.1.4. Entrevista	23
1.1.5. Questionário	24
PARTE IV – INTERVENÇÃO EDUCATIVA	25
1. Enquadramento e objetivos da intervenção.....	27
2. Participantes – caracterização do grupo.....	28
3. Caracterização da Instituição Educativa	29
4. Caracterização da sala de atividades	31
5. Dinâmicas relacionais.....	32

6. Proposta de intervenção.....	33
6.1. Preparação da ação e calendarização	33
6.2. Descrição das sessões	35
6.2.1. Primeira Sessão	35
6.2.2. Segunda Sessão	40
6.2.3. Terceira Sessão	45
6.2.4. Quarta Sessão	45
PARTE V – RESULTADOS	47
1. Apresentação e análise dos resultados.....	49
1.1. Opinião da professora cooperante em relação às sessões implementadas 52	
CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
1. Conclusões	54
2. Limitações do estudo	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
APÊNDICES.....	63

Lista de abreviaturas

1. CEB – Ciclo do Ensino Básico
2. EPE – Educação Pré-escolar
3. ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra
4. JI – Jardim de Infância
5. LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo
6. OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar

Lista de figuras

FIGURA 1 LEITURA DA HISTÓRIA DO LIVRO "NÃO É UMA CAIXA"	36
FIGURA 2 LEITURA DA HISTÓRIA DO LIVRO "NÃO É UMA CAIXA"	37
FIGURA 3 ELABORAÇÃO DO PROJETO (DESENHO) DAS CONSTRUÇÕES	39
FIGURA 4 CONSTRUÇÕES COM CAIXAS DE CARTÃO	41
FIGURA 5 CONSTRUÇÕES COM CAIXAS DE CARTÃO	42
FIGURA 6 CONSTRUÇÕES FINALIZADAS	44
FIGURA 7 CONSTRUÇÕES FINALIZADAS	44
FIGURA 8 VISUALIZAÇÃO DO VÍDEO FINAL	46
FIGURA 9 VISUALIZAÇÃO DO LIVRO DIGITAL	46

Lista de quadros

QUADRO 1 SÍNTESE — EXPLICAÇÃO DAS SESSÕES E CALENDARIZAÇÃO	29
QUADRO 2 SÍNTESE DAS APRENDIZAGENS PROMOVIDAS AO LONGO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	44
QUADRO 3 COMPARAÇÃO DO PROJETO, CONSTRUÇÃO E REALIDADE	46

INTRODUÇÃO

O presente relatório surge no âmbito da unidade curricular de Prática Educativa (I e II), integrada no Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC), sendo um requisito para a obtenção do grau mestre. Trata-se de uma investigação que culmina numa intervenção educativa, realizada em contexto de estágio curricular em Educação Pré-Escolar.

De acordo com Robinson (2010), a criatividade pode ser considerada uma faculdade do pensamento que nos dá a liberdade da utilização de ideias próprias. É também uma faculdade que nem sempre é estimulada como pode e deve ser. Esse foi o ponto de partida deste estudo. Considerando as Artes Visuais como uma área a desenvolver ao longo da escolaridade, foram associados os dois conceitos, formulando a seguinte questão-problema: “De que forma as Artes Visuais influenciam a criatividade da criança?” – tendo como objetivo compreender se existe realmente uma relação entre a criatividade e as Artes Visuais. Além disso, definiram-se os seguintes objetivos: Planear e implementar um conjunto de propostas relacionadas com as Artes Visuais, promovendo a criatividade; observar e compreender o impacto das atividades na aprendizagem das crianças. A problemática e os objetivos traduzem a imprescindibilidade de se estimularem as crianças, de uma forma global, para que se tornem pessoas criativas e capazes de solucionar problemas.

Esta questão surge na sequência de outros estágios em diferentes níveis do sistema educativo, desde a Educação Pré-Escolar (EPE) ao 2º Ciclo do Ensino Básico (CEB), onde nem sempre eram incluídas as Artes Visuais (nem qualquer outro subdomínio das Expressões Artísticas). Consequentemente, as crianças e alunos não demonstravam ser originais, revelando pouco potencial a nível da criatividade, e procurando atingir os padrões definidos como “normais” no decorrer das aulas. Por essa razão, os conceitos foram associados para refletir sobre a sua importância e relação.

Através deste estudo de natureza qualitativa, metodologicamente inscrito numa investigação-ação, é pretendido que se amplie a opinião sobre o tema, associada à questão-problema da qual se partiu.

Estruturalmente, este trabalho encontra-se articulado em cinco partes e as respetivas conclusões. A Parte I corresponde à contextualização e pertinência do tema,

nela são também referidas as finalidades da investigação. A Parte II remete para o enquadramento teórico do estudo que, contextualizando teoricamente o seu desenvolvimento, sustenta a importância dos conceitos-chave analisados neste relatório. Na Parte III é retratado o enquadramento metodológico do estudo, a sua apresentação e as técnicas e instrumentos utilizados para recolher dados. A Parte IV é relativa à intervenção educativa e é composta pela contextualização dos participantes, enquadramento curricular, objetivos e descrição da intervenção. Na penúltima parte (V) são expostos e analisados os resultados da intervenção e do estudo. Finalmente, são apresentadas as conclusões e considerações finais da investigação.

Em síntese, a análise dos dados permitiu verificar que existe, de facto, uma relação entre criatividade e Artes Visuais. Foi possível inferir que as Artes Visuais estimulam a criatividade e por sua vez, a criatividade facilita o desenvolvimento das Artes Visuais.

PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO E PERTINÊNCIA DO ESTUDO

1. Contextualização, relevância e finalidades de investigação

A criatividade é uma capacidade natural que pode e deve ser desenvolvida, já que é uma habilidade importante do ser humano. Neste sentido, ao longo da educação escolar das crianças é um tema a ser debatido e explorado pelos educadores e professores, que devem promover atividades que contribuam para este desígnio. Por essa razão, importa mencionar a relevância da introdução da Expressão Artística no dia-a-dia das crianças, já que se trata de uma área que permite desenvolver a criatividade (Oliveira, 2017).

A Expressão Artística engloba diferentes subdomínios (Artes Visuais, Jogo Dramático/Teatro, Música e Dança) (Silva et al., 2016). Ao longo deste relatório, estando em análise as Artes Visuais, pode-se afirmar que aquelas expressam, através de diferentes meios, o pensamento do ser humano, as suas emoções, os seus anseios, a sua história ou mesmo a cultura da qual faz parte (Ferreira, 2015) e por isso, são um recurso importante para desenvolver a criatividade. Oliveira (2017) refere que as Artes Visuais “devem ter um propósito, uma finalidade educativa, uma intenção clara de promoção do desenvolvimento da criança, enquanto “ser” criativo, flexível, crítico e autónomo” (p.264).

Este estudo emerge ainda a partir da questão “De que forma as Artes Visuais influenciam a criatividade da criança?”, que na sua essência incorpora o principal objetivo deste trabalho: demonstrar a relação entre as Artes Visuais e a criatividade. São também objetivos da investigação: planejar e implementar um conjunto de propostas relacionadas com as Artes Visuais, promovendo a criatividade; observar e compreender o impacto das atividades na aprendizagem das crianças. A finalidade desta investigação foi de concretizar um estudo, ao nível da Educação Pré-escolar, integrando fatores enquadrados nesta problemática. Para isto, foi imprescindível realizar uma intervenção relacionada com a questão de partida, na expectativa de obter uma resposta que, apesar de paralela à fundamentação teórica, a comprovou.

PARTE II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A Educação Pré-escolar

1.1. A importância da Educação Pré-escolar

Atualmente, a Educação Pré-escolar (EPE) desempenha um papel fundador na formação do indivíduo. Antigamente, ainda no final do século XVIII, algumas mulheres de classes sociais mais desfavorecidas eram obrigadas a confiar os seus filhos a estranhos para poderem ir trabalhar. Com o culminar da Revolução Industrial, esta situação acentuou-se devido à grande mobilização de mão de obra feminina. Assim, surgiu a necessidade de criar um espaço que respondesse às expectativas sociais e económicas da época (Cró & Pinho, 2012). Nessa fase, ocorreram algumas transformações sociais e políticas que redundaram na procura, por parte das famílias, de instituições que assegurassem a guarda e a educação dos seus filhos, levando assim à consolidação da Educação Pré-Escolar (Marques, 2015).

Até ao final do século XVIII, o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças eram ignorados. É apenas a partir do século XIX que começa a sentir-se essa preocupação (Cró & Pinho, 2012). Segundo a mesma autoria, a partir do século XX são sentidas alterações notórias no ensino, com o nascimento do movimento “Escola Nova”, que fundado no estudo da Psicologia do Desenvolvimento na Infância, apela ao respeito pela individualidade dos alunos e também a uma participação ativa na própria formação. Segundo (Cró & Pinho, 2012), as raízes deste movimento remontam a pedagogos/filósofos como Sócrates, Platão e Rousseau. Desta forma, foi possível “incrementar as bases para o desenvolvimento do movimento da Escola Nova com princípios pedagógicos assentes nos interesses das crianças, no ensino individualizado, na atividade manual, na ligação escola/meio e no autogoverno” (Cró & Pinho, 2012, p. 206).

No nosso país, a Educação Pré-escolar (EPE) acompanhou os efeitos que se fizeram sentir na Revolução Industrial. De acordo com Gomes (1986) o desenvolvimento escolar esteve sensivelmente 50 anos atrasado em relação a alguns países da Europa, tal como a industrialização. O ensino passou por diversas etapas, que estão diretamente enquadradas com as épocas históricas e políticas do nosso país.

De um modo geral, ao longo dos anos, é notório que a EPE tem vindo a desempenhar um papel tendencialmente menos valorizado em relação aos restantes níveis de ensino do sistema educativo português, aspeto evidenciado em épocas em que “apenas consideravam a sua função assistencial descurando a sua função educativa” (Cró & Pinho, 2012, p. 213). Trata-se de uma evolução gradual que se fez sentir através das necessidades sociais, sendo que, até surgirem as primeiras investigações sobre a importância da qualidade dos contextos no desenvolvimento das crianças, bem como a exploração dos vários domínios da personalidade, os seus espaços serviam apenas para prestar assistência (Cró & Pinho, 2012).

Atualmente, o Jardim de Infância (JI) proporciona muitas aprendizagens de forma natural e espontânea, já que nesta faixa etária as crianças desenvolvem-se a um ritmo mais acelerado. Cada vez mais se compreende a sua importância, visualizando esta etapa como um complemento que ajuda a preparar as crianças para a entrada no 1º Ciclo do Ensino Básico, sendo este um dos seus objetivos. No que diz respeito ao estímulo e desenvolvimento das crianças, estas desenvolvem a “capacidade de aprender a aprender” (Vasconcelos, s.d.), através de diversas competências relacionadas com fatores sociais, emocionais, cognitivos, linguísticos, emocionais, sensoriais e físicos. É de destacar a importância das competências sociais de cooperação, ou seja, a capacidade de se inserir num grupo e de cooperar com os colegas, educadores e auxiliares no desenvolvimento de tarefas.

1.2. Estratégias das didáticas de ensino

Na Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86, 14 de outubro), no seu artigo 5º, estão estabelecidos diversos objetivos referentes à Educação Pré-Escolar. Destaca-se no âmbito deste estudo as seguintes alíneas:

“a) Estimular as capacidades de cada criança e favorecer a sua formação e o desenvolvimento equilibrado de todas as suas potencialidades; (...)

f) Desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a actividade lúdica”.

Assim, um dos grandes objetivos do educador deve ser o de criar um ambiente educativo promotor de aprendizagens significativas para a criança, utilizando diferentes estratégias de ensino.

1.2.1. A importância da leitura de histórias

No seguimento do ponto 1.2., surge a importância de utilizar diferentes estratégias que cativem a criança e que correspondam aos objetivos do educador e do próprio grupo de crianças. Assim, coloca-se um novo conceito: literatura infantil. Riscado (2011) defende que a literatura infantil “é um universo particular, criado por adultos – o autor, o ilustrador, o designer gráfico – e destinado a ser usufruído por recetores preferenciais que são as crianças” (citado em Silva, 2012).

A leitura de histórias corresponde a uma estratégia de grande potencial, visto que, de acordo com Mata (2008), é uma atividade rica e completa, que permite integrar diferentes formas de abordagem à escrita e à leitura. Representa também um papel importante como indutor de atividades que não estejam diretamente associadas à leitura ou à escrita, tornando-as mais ricas e desenvolvendo mais competências nas crianças.

Pontes & Azevedo (2003) defendem a ideia de que estimular a leitura antes da entrada formal para a escola possibilita às crianças expandir a capacidade de comunicação, compreensão da linguagem e apropriação de características culturais da sociedade onde vivem. Assim, esta atividade proporciona muitas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento. São de destacar: o desenvolvimento da linguagem e comunicação oral, tendo em conta que as crianças ampliam o seu vocabulário e são conduzidas para comunicar com o educador e com os colegas; o desenvolvimento emocional, pois as crianças compreendem os sentimentos e emoções das personagens e dessa forma podem associá-los aos comportamentos; o estímulo da criatividade, uma vez que as crianças são transportadas para um mundo imaginário que as estimula a imaginar também os seus próprios cenários e histórias; o desenvolvimento cognitivo, visto que desenvolvem o raciocínio lógico e a memória na compreensão das próprias histórias.

Em forma de conclusão, Mata (2008), considera que “é indiscutível e de largo consenso a importância da prática de leituras de histórias, enquanto atividade regular, agradável e que proporciona interações e partilha de ideias, concepções e vivências” (p.78). É imprescindível que o educador tenha estas componentes em conta e as privilegie estrategicamente e regularmente no dia-a-dia das crianças.

1.2.2. A criança como agente ativo da sua própria aprendizagem

As crianças nem sempre são ouvidas na sua individualidade. É necessário perceber quem são, o que gostam, o que preferem e o que precisam, de forma singular (Ribeiro & Cabral, 2013). Desta forma, é possível conhecer a criança para que se torne um agente ativo da sua própria aprendizagem, aproveitando o seu potencial, curiosidade natural e interações sociais e com o ambiente educativo para gerar aprendizagens significativas (Silva et al., 2016).

Quando o educador faz com que a criança se sinta capaz de construir as suas aprendizagens, está a encará-la como sujeito e agente do processo educativo, isto é, “partir das suas experiências e valorizar os seus saberes e competências únicas, de modo a que possa desenvolver todas as suas potencialidades” (Silva et al., 2016, p.9).

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE) (2016), na Convenção dos Direitos da Criança (1989) estão reconhecidos os seguintes direitos: “o direito de ser consultada e ouvida, de ter acesso à informação, à liberdade de expressão e de opinião, de tomar decisões em seu benefício e do seu ponto de vista ser considerado” (Silva et al., 2016, p.9). Direitos esses que espelham o papel ativo que a criança deve ter na sua aprendizagem ao longo do desenvolvimento escolar. O educador deve, assim, promover oportunidades de escuta e de participar nas decisões relacionadas com a sua aprendizagem, exprimindo que confia na capacidade para guiar a sua aprendizagem e contribuindo para as aprendizagens dos outros (Silva et al., 2016).

Além de promover o desenvolvimento e as aprendizagens da própria criança e do restante grupo, a criança, como agente ativo, proporciona ainda um crescimento pessoal, no sentido em que aprende a defender as suas escolhas, respeitando as dos

restantes colegas e evoluindo ao nível da sociabilidade. Alves et al. (2019) considera também fundamental garantir o envolvimento das crianças, “com foco na intervenção cívica, livre iniciativa, autonomia, responsabilidade e respeito pela diversidade, e a rentabilização de recursos e oportunidades da Escola e da comunidade” (p.352).

1.3. O papel do educador/professor na relação com as crianças

O papel do educador na relação com as crianças é essencial para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social das crianças. Este deve facilitar o processo de aprendizagem, tornando o meio educativo um espaço seguro, agradável e confortável, para que as crianças possam explorar e experimentar.

O educador deve “(...) atuar como modelo e elemento pessoal valorizante, por um lado, e, por outro, criar o clima ou ambiente adequado na sala, aberto às experiências estéticas” (Quintela e Valadares, 1997, p. 1114).

Atualmente, um educador não é um simples transmissor de conhecimento. Como referido anteriormente, é importante que conheça as crianças na sua individualidade, respeitando as suas diferenças, para que consiga interceder de forma adequada. Sem que isto aconteça, dificilmente irá criar um vínculo com cada elemento do grupo. Esse vínculo é essencial na faixa etária em estudo, já que cada criança tem as suas próprias necessidades e é papel do profissional compreendê-las e atendê-las.

O educador deve promover situações em que a criança seja o agente ativo da sua própria aprendizagem, de modo que as aprendizagens se tornem significativas e prazerosas para a criança, estimulando a sua criatividade e o espírito crítico. Tem ainda a responsabilidade de criar oportunidades para que as crianças se possam expressar e interagir com os outros.

Em suma, importa destacar que o educador deve ter a capacidade de influenciar de forma positiva o processo de aprendizagem das crianças, contribuindo para que se tornem adultos conscientes, autónomos e responsáveis. Deste modo, deve procurar transmitir valores éticos e morais que incentivem tais particularidades.

2. A educação aliada às artes: uma visão integradora da escola

2.1. As Artes Visuais na Educação Pré-escolar

As Artes Visuais constituem uma dimensão necessária da educação básica e como tal, integram as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, na Área de Expressão e Comunicação, no domínio da Expressão Artística (Silva et al., 2016). De acordo com Silva et al. (2016), podemos definir as Artes Visuais como “formas de expressão artística que incluem a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a gravura, a fotografia e outras, que, sendo fundamentalmente captadas pela visão, podem envolver outros sentidos” (p.49).

Assume-se então que a Educação Pré-escolar constitui um papel primordial no desenvolvimento das Artes Visuais, conforme Silva et al. (2000), que menciona que a Educação Pré-escolar representa o segmento onde a Educação Artística é mais consolidada, tanto nas OCEPE, como na formação dos educadores e nas práticas pedagógicas.

As Artes Visuais concedem à criança a liberdade de se expressar de forma criativa, utilizando a imaginação, mas também permitindo impulsionar diversas competências, como é o caso da motricidade fina, através de atividades como o recorte, o desenho e a colagem.

É fundamental criar condições para que todas as crianças possam ter a oportunidade de iniciar o seu percurso artístico (Silva et al., 2000). O educador deve proporcionar momentos que alarguem a imaginação e a criatividade das crianças, disponibilizando-lhes diferentes materiais e técnicas de desenho, pintura, colagem ou modelagem. Por isso, é importante disponibilizar às crianças uma panóplia de materiais, de uso utilitário a reciclados, e instrumentos, desde convencionais a não convencionais, demonstrando à criança que qualquer material pode ganhar novas funcionalidades e significados, o que lhe permite “começar a perceber que a arte e a vida são indissociáveis” (Silva et al., 2016, p.49). É importante que os materiais estejam devidamente organizados na sala, facilitando à criança a sua utilização autónoma, “incentivando o desenvolvimento da capacidade expressiva de cada criança e do grupo” (Silva et al., 2016, p.49).

Os educadores podem ainda assumir as Artes Visuais como ponto de partida para que as crianças aprendam de forma eficiente diversos aspetos relacionados com o mundo que os rodeia, já que estas atividades podem ser facilmente adaptadas aos seus temas preferenciais.

As suas produções não precisam de ser perfeitas, pois o que realmente importa é o processo criativo e não o produto final. Criar e compor oferece à criança a oportunidade de expressar as suas emoções, mas além disso, é fundamental que numa fase posterior, possam apreciar, dialogar e observar os próprios resultados, bem como dos seus companheiros, estimulando a expressividade e espírito crítico (Silva et al., 2016).

Cabe ainda ao educador “explorar com as crianças essas diferentes imagens e levá-las, de modo progressivo, a descobrirem a importância e a expressividade dos elementos formais da comunicação visual” (Silva et al., 2016, p.49). Estes elementos podem integrar aspetos como a cor, textura, formas geométricas, linhas, tonalidades, a figura humana, entre outros (Silva et al., 2016).

É de salientar que as Artes Visuais são muito mais que apenas trabalhos manuais, sendo possível explorar a cultura e a história da arte, permitindo que as crianças criem um elo entre o passado e o presente.

As Artes Visuais têm demonstrado um êxito crescente, desde o final do século XIX (Gonçalves, 1991), pois permitem que a criança se insira no mundo ao qual pertence (Silva et al., 2016).

Não há dúvidas de que a integração das Artes Visuais na Educação Pré-escolar é uma mais-valia para as crianças, pois promove aprendizagens tais como: o desenvolvimento de capacidades expressivas e criativas (através de experimentações e produções); o reconhecimento e mobilização de elementos da comunicação visual (na produção e apreciação de produções e imagens); a capacidade de apreciar diferentes manifestações de Artes Visuais (Silva et al, 2016).

Conclui-se que esta área é imprescindível para o desenvolvimento adequado da criança, podendo ser considerada muitas vezes como um “exercício de sensibilidade”

(Gonçalves, 1991, p.3). Criar e apreciar produções, observar diferentes âmbitos das Artes Visuais em vários contextos, ter acesso a uma multiplicidade de materiais (de uso utilitário e reutilizáveis) e instrumentos, dialogar, explorar e refletir acerca de elementos expressivos da comunicação visual, tudo isso trará mais valias para as crianças.

3. A criatividade infantil

3.1. A importância do estímulo da criatividade na educação Pré-Escolar

A criatividade não é um conceito fácil de definir. Apesar de existirem diversas tentativas de a conceptualizar, ainda não há uma definição consensual. Segundo Seabra (2007), pode-se considerar “uma característica psicológica positiva” (p.2). De acordo com Sawyer (2012), a criatividade é uma habilidade para observar e estabelecer conexões relativamente a informações e ideias que aparentemente não estão relacionadas, permitindo assim a criação de novas soluções e ideias. Consultando o dicionário Priberam, a criatividade é definida como a “Capacidade de criar, de inventar. Qualidade de quem tem ideias originais, de quem é criativo. (...) Capacidade que o falante de uma língua tem de criar novos enunciados sem que os tenha ouvido ou dito anteriormente”.

Moser (2015) afirma que, para alcançar a habilidade que é a criatividade, é necessário o indivíduo ser dotado de espírito crítico e questionador. Por esta razão, encorajar a criatividade é um aspeto de grande relevo a nível educacional, pois apesar desta ser considerada uma habilidade natural, também deve ser desenvolvida através de processos que envolvem a exploração e a reflexão.

Gonçalves (1991) sugere conceitos-chave que podem favorecer o seu desenvolvimento, tal como o parecer de que todos os indivíduos são potencialmente criativos. O mesmo autor menciona ainda que a criatividade pode e deve ser cultivada tanto individualmente, como em grupo, “através de experiências que estimulem o pensamento divergente que, ao contrário do pensamento convergente, em vez de uma única solução, aceita várias soluções possíveis, vários modos de resolver o mesmo problema” (Gonçalves, 1991, p.23).

Na Educação Pré-Escolar, o estímulo criativo revela-se de extraordinária importância para as crianças, já que nesta faixa etária têm maior predisposição para aprendizagens. Além disso, muitos dos domínios/subdomínios contemplados nas OCEPE o favorecem, nomeadamente o Domínio da Educação Artística.

Também é importante que o educador realize atividades criativas que conduzam as crianças a pensar *“fora da caixa”*. Essas atividades ajudam a desenvolver a imaginação e a criatividade, pois permitem que as crianças experimentem e explorem materiais e/ou técnicas diferentes e ainda contribui para que as atividades possam ser mais divertidas, permitindo que as crianças se envolvam mais e que, conseqüentemente, desenvolvam competências diversas.

Todos estes estímulos da imaginação e da criatividade irão culminar no desenvolvimento de competências muito importantes, como a resolução de problemas e o pensamento crítico. Uma pessoa criativa tem maior facilidade em resolver problemas e pensar de forma crítica, o que no futuro será muito importante para o seu sucesso (pessoal e profissional), já que podem encontrar diversas soluções através de abordagens não convencionais. É de realçar que uma criança que pensa *“fora da caixa”* desenvolve características na sua personalidade, como por exemplo a flexibilidade cognitiva, que lhe permite lidar de forma mais adequada com situações inesperadas.

Concluindo, realizar atividades que induzam a criatividade e a imaginação deve ser uma prioridade para o educador. Essas atividades podem passar pelos diferentes subdomínios da Educação Artística (Artes Visuais, Jogo Dramático/Teatro, Música e Dança), permitindo que as crianças expressem ideias e emoções de forma livre, sem julgamentos (desenvolvendo também a autoestima e confiança), o que será uma mais-valia para o seu futuro enquanto pessoa e cidadão.

3.2.A liberdade para a criatividade na Educação Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico

Conforme abordado anteriormente, durante os anos de Educação Pré-escolar, existe uma grande preocupação na promoção da criatividade e imaginação das crianças.

As atividades realizadas promovem a liberdade das crianças ao permitir que se expressem de forma natural e espontânea, explorando diversos domínios e materiais. Desde a Educação Física, Educação Artística, Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Matemática, todos estes domínios são desenvolvidos com o objetivo de estimular a criatividade (Silva et al., 2016). Os educadores têm tempo e espaço para se dedicar a este estímulo, já que as OCEPE têm estes domínios como prioritários e é possível trabalhá-los através de atividades mais flexíveis e agradáveis para as crianças.

No entanto, quando as crianças transitam para o 1º Ciclo do Ensino Básico, a prioridade passa por desenvolver outros conteúdos, tendencialmente relacionados com a língua, a matemática e o mundo atual e, geralmente, há uma alteração na abordagem, de forma a alargar o currículo neste nível de ensino – e, embora haja algum tempo para integrar atividades que promovam a criatividade, esse tempo é restrito. Essas atividades passam muitas vezes pela Educação Artística, já que, como mencionado anteriormente, esta abrange diversos domínios que promovem a criatividade, a imaginação e a liberdade.

No ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico os alunos têm um horário definido que não permite a liberdade que existe na Educação Pré-Escolar para desenvolver a sua criatividade. As atividades implementadas têm como objetivo promover outras competências específicas.

É importante salientar que nem todos os educadores/professores seguem as mesmas metodologias e abordagens. Como tal, existem diferenças significativas na forma como priorizam ou não o estímulo da criatividade. Vários professores podem adotar métodos que respeitem o currículo e ainda assim promovam a criatividade e a imaginação das crianças.

Para que fosse possível retirar conclusões precisas, foi elaborado um questionário (Apêndice 1), preenchido por nove professores de 1º CEB, com tempo de serviço entre os 22 e os 40 anos. Nele constam perguntas que facilitam a compreensão da posição destes professores, no que toca à integração das Artes Visuais no 1º CEB.

Em primeiro lugar, foi questionado se os professores consideravam que existia alguma diferença no tempo dedicado ao estímulo da criatividade na EPE e no 1ºCEB?

77,8% referiu que sim (Apêndice 2). À pergunta, “Considera que as Artes Visuais têm influência na criatividade das crianças?” 100% dos professores responderam que sim (Apêndice 2). Depois, foi colocada a questão, “Sendo professor de 1ºCEB, considera que tem tempo letivo suficiente para implementar atividades regulares de Artes Visuais (além do desenho e pintura, com lápis e com marcadores)?” A maioria dos professores disse que não (Apêndice 2). Finalmente, foi colocada a uma última pergunta de resposta aberta. “Acha que é possível criar um equilíbrio entre a promoção das competências essenciais em 1ºCEB e o estímulo da criatividade através das Artes Visuais? Se sim, como?”. Das respostas obtidas, 100% dos professores afirmam que apesar de não ser fácil, devido à extensão do currículo, é possível através da interdisciplinaridade ou algumas alterações, como a revisão dos próprios currículos (em especial, o de matemática, que consideram demasiado extenso e complexo para a maturidade dos alunos) (Apêndice 2).

Em síntese, é urgente encontrar um equilíbrio entre o currículo e as atividades de Educação Artística. A sua integração deveria ser uma prioridade para os professores, pois seria benéfico para as crianças, já que estas atividades estimulam a criatividade, a qual desempenha um papel fundamental no seu desenvolvimento.

PARTE III – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Na parte III deste relatório é apresentado o estudo realizado, juntamente com as técnicas e estratégias de recolha de dados utilizadas ao longo do processo, nas quais se pretendeu obter respostas a que os professores anuíram em conceder no âmbito deste processo.

1. Apresentação do estudo

Como referido anteriormente, o presente estudo assumiu como questão de partida, “De que forma as Artes Visuais influenciam a criatividade da criança?”, tendo como objetivos: demonstrar a relação entre as Artes Visuais e a criatividade; planejar e implementar um conjunto de propostas relacionadas com as Artes Visuais, promovendo a criatividade; observar e compreender o impacto das atividades na aprendizagem das crianças.

Tendo por base a questão de partida e os objetivos referidos, foram implementadas algumas atividades preparadas para o grupo de crianças do JI que acompanhei ao longo do estágio curricular. Essa intervenção, além de me envolver a mim e ao grupo de crianças, incluiu também indiretamente a minha colega de estágio, a educadora do grupo de crianças (educadora cooperante) e ainda o orientador deste relatório, também professor de Artes Visuais, que me auxiliou na preparação das sessões.

Trata-se de uma pesquisa descritiva, em que o pesquisador avalia os dados indutivamente (Romanowski et al. 2019) e é um estudo de natureza qualitativa, que segundo Amado (2010),

“consiste numa pesquisa sistemática, sustentada em princípios teóricos (multiparadigmáticos) e em atitudes éticas, realizada por indivíduos informados (teórica, metodológica e tecnicamente) e treinados para o efeito; pesquisa que tem como objectivo obter junto dos sujeitos a investigar (amostras não estatísticas, casos individuais e casos múltiplos) a informação e a compreensão (o sentido) de certos comportamentos, emoções, modos de ser, de estar e de pensar (modos de viver e de construir a vida)” (p. 139).

De acordo com Paiva (2006), ainda que ocorram críticas a esta metodologia em prol do estudo de natureza quantitativa, questionando a sua objetividade, “(...) os

procedimentos de objectivação nas metodologias de investigação qualitativa exigem a assunção de subjectividade inerente a todo o processo investigativo, a argumentação, a auto-reflexividade, a auto-crítica a par da heterocrítica” (Almeida Santos, 1997 citado em Paiva, 2006).

É de salientar que, no estudo qualitativo e “na escolha dos conteúdos curriculares temos em conta aspectos já focados relativamente às questões de contextualização (...) deste ensino, e da sua importância no panorama da investigação em educação” (Amado, 2010, p.127) e assim aconteceu.

De forma mais concreta, este estudo enquadra-se na modalidade de Investigação-Ação - metodologia esta que se revela bastante adequada a estudos realizados na área da Educação (Coutinho et al., 2009), sendo que se considera “a metodologia mais apta a favorecer as mudanças nos profissionais e/ou nas instituições educativas que pretendem acompanhar os sinais dos tempos” (Coutinho et al., 2009, p.356).

Os mesmos autores (Coutinho et al, 2009) afirmam que a metodologia Investigação-Ação sustém uma relação simbiótica com a Educação, podendo ser citada como a “metodologia do professor como investigador” (p. 358), priorizando a prática (elemento-chave), com o pensamento implícito de que a reflexão deve estar sempre presente, tornando-se vital para o entendimento dessa simbiose.

Este estudo, baseado na questão de partida, prioriza a reflexão através da prática (sessões implementadas). A sua metodologia pressupõe um conjunto de procedimentos e técnicas utilizados para obter resultados fiáveis. Como evidenciado, trata-se de um estudo qualitativo, que, de acordo com Amado (2014), não se pode reduzir à mera aplicação de uma técnica. Tem “atrás de si toda uma visão do mundo, dos sujeitos humanos e da ciência, que influencia a escolha e está presente na aplicação de qualquer técnica ou procedimento” (Amado, 2014, p. 205).

1.1. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Na sequência do ponto anterior e tendo em conta a complementaridade das várias técnicas e instrumentos de recolha de dados, optou-se pela observação direta; registos em suporte escrito; registos em suporte fotográfico; entrevista e questionário.

1.1.1. Observação

A observação “permite, como nenhuma outra, apreender os comportamentos e os acontecimentos no próprio momento em que eles se desenrolam nos seus contextos naturais e na sua riqueza” (Gonçalves, 2004, p.66).

Existem vários tipos de observação, que diferem de acordo com o grau de envolvimento e proximidade do investigador em relação ao que é observado (o observador que não interfere no que observa ou o observador que se envolve e se implica naquilo que é o seu objeto de estudo) (Gonçalves, 2004).

Ao longo da intervenção proposta neste relatório, a observação participante esteve sempre presente. Esta estratégia, muito utilizada por professores e investigadores, “consiste na técnica da observação direta e que se aplica nos casos em que o investigador está implicado na participação e pretende compreender determinado fenómeno em profundidade” (Castro, 2010, p. 32). Uma vez que esta técnica requer diversos cuidados, dos quais dependem a sua qualidade e o seu rendimento (Gonçalves, 2004), justifica a preocupação de a complementar com registos em suporte escrito, para conseguir gerir e captar melhor aquilo que se valoriza neste estudo.

De referir ainda que, numa observação participante, “o envolvimento e a interferência são incontornáveis” (Gonçalves, 2004, p.68) e como tal, é importante que o investigador consiga geri-la da melhor forma, tendo em conta que esta observação, por variar consoante o investigador, consoante aqueles que são investigados e consoante o próprio problema a investigar (Gonçalves, 2004).

1.1.2. Registos em suporte escrito

As notas de campo “aplicam-se nos casos em que o professor pretende estudar as práticas educativas no seu contexto sociocultural e caracterizam-se pela sua flexibilidade e abertura ao imprevisto” (Castro, 2010, p.32).

Neste sentido, ao longo das sessões realizadas, as notas de campo foram fundamentais para captar reflexões da observação participante, comentários das crianças e notas de melhoria para a preparação das sessões seguintes.

1.1.3. Registos em suporte fotográfico

Existem vários estudos que elegem há muito tempo o uso da fotografia como instrumento de registo preferencial de determinado contexto (Sá et al., 2021).

Os registos fotográficos assumiram um papel de grande relevância neste trabalho, pois permitiram captar momentos importantes da intervenção, de modo a poder demonstrar e discutir os resultados. Através deste registo, “os participantes terão nas imagens um porto de sentidos e significados a elas subjacentes” (Sá et al., 2021, p.59), o que se constituirá num “momento em material de análise e reflexão” (Sá et al., 2021, p.59).

1.1.4. Entrevista

A entrevista é uma estratégia que, baseada na conversação, permite “obter e recolher dados cujo principal objetivo é compreender os significados e sentidos que os entrevistados atribuem a determinadas questões e/ou situações” (Morgado, 2013, p. 72).

De acordo com Castro (2010), esta técnica centra-se num determinado acontecimento ou experiência e capta dados relacionados com “acontecimentos e aspetos subjetivos das pessoas, como crenças, atitudes, opiniões, valores ou

conhecimentos, fornecendo o ponto de vista do entrevistado e possibilitando, assim, interpretar significados” (p. 32).

Amado (2010) menciona que ao longo da entrevista, o “envolvimento do entrevistador deve ser o mais possível neutral, impessoal, diretivo” (p. 208).

Na sequência da intervenção desenvolvida, com o objetivo de melhor compreender a opinião da professora cooperante, que conhece o grupo e observou cada sessão, determinou a entrevista apresentada no ponto 8 dos apêndices.

1.1.5. Questionário

Este método de recolha de dados apresenta características que podem facilitar o processo de investigação, mas também quem nele participa: é de fácil administração; é rápido e por isso, motiva quem responde; pode atingir a globalidade; e ainda é das técnicas de recolha de dados mais inclusiva, já que pode ser respondido quando possível (Sá et al. 2021).

Neste estudo, o questionário foi muito útil para refletir acerca das opiniões de alguns professores de 1º Ciclo do Ensino Básico, em relação ao tempo dedicado às Artes Visuais e à sua influência na criatividade das crianças.

PARTE IV – INTERVENÇÃO EDUCATIVA

Na parte IV deste relatório enquadra-se as OCEPE e os seus objetivos. É caracterizado o grupo de crianças que participou na intervenção, bem como a sua instituição, sala de atividades e dinâmicas relacionais do grupo. Finalmente, são apresentadas as sessões de intervenção educativa realizadas, desde a preparação da ação, calendarização, à descrição das sessões e alguns registos fotográficos.

1. Enquadramento e objetivos da intervenção

A presente intervenção emerge da questão “De que forma as Artes Visuais influenciam a criatividade da criança?”. Desta forma, através das atividades desenvolvidas, pretendeu-se comprovar a existência de uma relação entre a criatividade e as Artes Visuais, promovendo atividades em contexto de jardim de infância, segundo estratégias que conduzam a práticas autónomas e criativas.

Integrar diferentes áreas de conteúdo no desenvolvimento da intervenção foi uma preocupação, de forma a contribuir para a inovação na educação.

Ao longo das sessões foi possível integrar a Área de Formação Pessoal e Social, que “é considerada uma área transversal, porque, embora tenha uma intencionalidade e conteúdos próprios, está presente em todo o trabalho educativo realizado no jardim de infância” (Silva et al., 2016, p. 33). Dois pilares da intervenção foram o desenvolvimento da independência e autonomia, que estão espelhados nesta área de conteúdo, realçando-se a promoção da seguinte aprendizagem: “Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros” (Silva et al., 2016, p. 36). Ainda nesta área surge a Consciência de si como aprendente, com a aprendizagem: “Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem.” (Silva et al., 2016, p.42).

Em grande destaque da intervenção está a Área de Expressão e Comunicação, no Domínio da Expressão Artística, Subdomínio das Artes Visuais. “Na educação artística, a intencionalidade do/a educador/a é essencial para o desenvolvimento da criatividade das crianças, alargando e enriquecendo a sua representação simbólica e o seu sentido estético, através do contacto com diversas manifestações artísticas.” (Silva et al, 2016, p. 47). Este conjunto de atividades visa desenvolver as seguintes competências: “Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas; Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa” (Silva et al, 2016, p. 50), através das construções com caixas de cartão e diversos materiais que cada criança realizou.

“As competências comunicativas vão-se estruturando em função dos contactos, interações e experiências vivenciadas nos diversos contextos de vida da criança” (Silva et al, 2016, p.60). Assim, partiu-se da leitura e exploração do livro “Isto não é uma caixa”, de Antoinette Portis. Esta ação foi premeditada, com o objetivo de estimular a comunicação oral, destacada no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Salientam-se duas aprendizagens a promover: “Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade)” (Silva et al., 2016, p. 62). Ainda é importante referir que a intenção da leitura e exploração deste livro foi também de proporcionar às crianças um momento de entusiasmo através da leitura, instigando uma boa relação com os livros desde cedo. Ainda neste domínio menciona-se o prazer e motivação para ler e escrever com a aprendizagem: “Compreender que a leitura e a escrita são atividades que proporcionam prazer e satisfação” (Silva et al., 2016, p.73).

Em suma, esta intervenção pretendeu explorar diversos aspetos refletidos nas OCEPE, mas acima de tudo, impulsionar a curiosidade e a criatividade através de atividades prazerosas para as crianças.

2. Participantes – caracterização do grupo

Esta intervenção foi realizada em contexto de estágio curricular. O grupo de crianças participantes frequenta o Pré-Escolar, é composto por 17 crianças: três meninas e um menino de 5 anos, quatro meninas e cinco meninos de 4 anos e uma menina e três meninos de 3 anos.

De um modo geral, trata-se de crianças muito dinâmicas, solidárias e cooperantes em todas as atividades. Têm uma relação muito positiva com os colegas e com as educadoras e auxiliares. São muito interessadas e ativas, revelando uma enorme vontade de aprender e participar em tudo o que lhes é proposto. Ainda assim, algumas crianças demonstram ter alguma dificuldade a comunicar com os outros.

Tratando-se de um grupo heterogéneo em termos etários, com maior prevalência de crianças com 4 anos, é bastante nítido que as suas interações geram benefícios na aprendizagem.

“A prática de agrupar as crianças de mais de um ano de idade a nível de habilidade (geralmente três níveis etários) em conjunto, tem o objetivo de maximizar as práticas de ensino que envolvam interação, aprendizagem experiencial, flexibilidade do pequeno grupo e aumentam a participação entre as crianças que vivenciam uma contínua progressão de aprendizagem (cognitiva e social) de acordo com a sua taxa individual de aquisição de conhecimentos e habilidade dentro de um ambiente que proíbe situações artificiais” (McClellan & Kinsey, 1999, citado em Maia, 2014).

Segundo a educadora cooperante, algumas vantagens desta interação são:

- Desenvolver as competências sociais como a cooperação pelo outro;
- Aumentar o espírito de entreajuda e de solidariedade entre as crianças;
- Desenvolver nas crianças que já estão na sala um sentido de segurança e de realização;
- Aumentar o sentimento de responsabilidade das mais velhas pelas mais novas e aumentam os seus sentimentos de competência;
- Facilitar a adaptação das crianças mais novas à sala e rotinas, que se sentem protegidas pelas mais velhas.

3. Caracterização da Instituição Educativa

A Instituição educativa localiza-se na freguesia de Miranda do Corvo. Relativamente ao seu horário de funcionamento e no que diz respeito à componente

letiva, funciona das 10:00h às 17:00h, e a componente não letiva, das 7:30h às 10:00h e das 17:00h às 20:00h.

Dispõe, no seu interior, de uma entrada/receção onde as crianças depositam os seus bens pessoais, uma instalação sanitária para crianças e outra para adultos, um escritório, duas salas de atividades, uma cozinha (onde as auxiliares organizam as refeições, visto que estas são fornecidas), uma dispensa e uma sala de arrumos.

As crianças estão organizadas em duas salas de atividades, correspondendo à Creche e ao Ensino Pré-escolar. As salas funcionam como refeitório, como dormitório e como sala de acolhimento, dadas as condições limitadas do espaço.

A instituição apresenta também um espaço exterior vedado. Este espaço obedece a uma compartimentação que corresponde, uma parte às crianças da creche e outra às crianças do pré-escolar. A educadora recorre a este espaço sempre que as condições meteorológicas permitem, já que é propício para o lúdico. Esta zona está dotada de recursos materiais adequados (brinquedos e uma mesa para atividades), para que as crianças brinquem em segurança e de forma autónoma, promovendo diversas aprendizagens.

Segundo o Projeto Educativo da Instituição, é objetivo deste estabelecimento de ensino “Promover o desenvolvimento global e harmonioso da criança, reconhecendo as suas aptidões e experiências e procurando o máximo rendimento do seu potencial, no conhecimento de si próprio e na descoberta do outro” (p.16).

A comunidade educativa integra uma diretora da instituição, que é simultaneamente educadora de infância da sala da creche, uma educadora de infância da sala de pré-escolar e duas auxiliares.

O Jardim dispõe de uma professora de Expressão e Educação Musical, um professor de Educação Física, uma professora de Inglês, uma professora de Ballet, uma professora de Yoga e um professor de Natação.

4. Caracterização da sala de atividades

“A organização do espaço da sala é expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização” (Silva et al., 2016, p.26).

A sala de atividades é o espaço onde o grupo de crianças passa a maior parte do seu tempo ao longo do dia, desde o acolhimento até ao final do tempo letivo, sofrendo as alterações que a educadora considere necessárias para a evolução do grupo, mediante os projetos, os interesses das crianças e as vivências na sala.

Assim sendo, a organização da sala é um fator essencial para o desenvolvimento das crianças. Vygotsky (1991) refere que é através do brincar que a criança reorganiza as suas experiências e que as suas maiores aquisições são conseguidas nestes momentos. Pode-se então deduzir que o lúdico, em situações educacionais, proporciona um meio real de aprendizagem - logo, se a sala não estiver bem organizada, as crianças podem não diferenciar as áreas de brincadeira, o que pode trazer consequências para as suas aprendizagens. Por sua vez, os materiais estão devidamente arrumados para que, quando a criança escolhe uma área para brincar, os possa descobrir e posteriormente saber onde arrumar.

A sala está dividida em diferentes áreas, de modo a organizar e facilitar trabalhos e brincadeiras: a manta, que em muitos momentos serve também para brincar (com legos, carrinhos, entre outros); a área dos livros, onde é também arrumado o material de escrita/pintura; a área da casinha; a área dos filmes; a área dos jogos, junto das mesas; a área dos carros e construções e finalmente as mesas de trabalho.

O espaço dispõe de mesas e cadeiras em número suficiente e com o tamanho adequado para as crianças, armários para guardar todo o material de desgaste e também placares para afixar as atividades realizadas.

Na área dos filmes, dispõe de material audiovisual: televisão, leitor de DVD, DVD's e um rádio. A área dos jogos é composta por um armário com diversos jogos de encaixe e

puzzles, organizados por faixa etária, de acesso livre para todos. A área da manta é o local onde habitualmente se conversa em grupo, se leem histórias e se realizam atividades em conjunto. A área da casinha é composta por uma cozinha, uma cama, bonecos e diversos utensílios (roupas, entre outros). A área dos carros é composta por uma manta, carros, pista e ferramentas, tendo também materiais para construção com legos.

“O espaço exterior é igualmente um espaço educativo pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merecendo a mesma atenção do/a educador/a que o espaço interior” (Silva et al., 2016, p. 27). A educadora recorre frequentemente a este espaço para realizar atividades ou simplesmente para que as crianças possam brincar livremente.

5. Dinâmicas relacionais

A interação entre as crianças é bastante positiva, sendo que a educadora as incentiva a serem solidárias e a cooperar com os colegas, permitindo-lhes criar uma relação de interajuda. Geralmente, em momentos livres, tendo em conta que a “observação do brincar e de situações da iniciativa das crianças é um meio de conhecer os seus interesses, (...)” (Silva et al., 2016, p. 18), a educadora faz grupos aleatórios, concedendo a possibilidade de, em grupo, escolherem onde querem brincar. Estas brincam em conjunto, evidenciando uma relação estável. Observa-se que todas vivenciam as mesmas experiências, não havendo distinção entre sexos (por exemplo, na casinha, os meninos também vestem vestidos). Esta metodologia aproxima as crianças e molda-as num sentido mais altruísta, evitando estereótipos de género.

Tendo em conta a Escala de Avaliação do Ambiente em Educação de Infância, considera-se esta interação excelente, uma vez que são “normalmente positivas (ex. as crianças mais velhas cooperam e partilham; em geral as crianças brincam conjuntamente sem ocorrência de lutas ou conflitos)” (p.43) e os “adultos providenciam oportunidades de trabalho conjunto entre as crianças com vista à realização de uma determinada tarefa (...)” (p.43).

A nível geral, este grupo é muito cooperativo e generoso, e aceita com entusiasmo todas as atividades propostas. Existem quatro crianças de 5 anos e todos os dias é eleito um chefe, sendo que o 5º dia corresponde à educadora. É trabalho do chefe colocar as presenças e a data, meter a mesa, ajudar as outras crianças a adormecer e passar a hora da sesta a trabalhar num manual de iniciação ao 1º CEB. Esta estratégia ajuda-os a ganharem um sentido de responsabilidade e autonomia. Além disso, a educadora valoriza cada descoberta das crianças, motivando-as, para que estas tenham vontade de fazer mais e melhor.

“Os pais/famílias e o estabelecimento de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa, por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas” (Silva et al., 2016, p.28). Desta forma, a Instituição procura manter um contacto frequente com os encarregados de educação.

A Instituição tem uma página de Facebook onde estão integrados todos os pais e as duas educadoras. Neste grupo privado, são colocadas fotografias/vídeos de atividades diárias, bem como outras informações, como avisos importantes e sorteios. Este recurso mais atual apresenta como vantagem a facilidade de acesso a todos os membros, a rápida partilha de informação e o facto de receberem um feedback imediato. De acordo com as OCEPE, “estes momentos constituem ocasiões para conhecer as suas necessidades e expectativas educativas, ouvir as suas opiniões e sugestões, incentivar a sua participação, e, ainda, para combinar as formas de participação que melhor correspondem às suas disponibilidades” (Silva et al., 2016, p. 28).

6. Proposta de intervenção

6.1. Preparação da ação e calendarização

Em primeiro lugar, foram pensados cinco grandes momentos: a leitura da história “Não é uma Caixa”, de Antoinette Portis; a escolha e o “projeto” em papel do que as crianças queriam construir (decisão dos materiais que iriam utilizar); a construção

das caixas; a apresentação ao grupo do resultado, sendo este uma nova versão do livro “Não é uma Caixa!”, em formato digital, com fotografias de si próprios e das suas construções; por último, um momento de partilha com as famílias das crianças.

Posteriormente, estes momentos estruturaram-se nalgumas sessões, sendo que as construções iriam prolongar-se por várias semanas. Uma vez que estas atividades eram desenvolvidas por três dias da semana (dias de estágio curricular) e, em simultâneo, iriam desenvolver-se atividades paralelas e pertinentes para o grupo, seria praticamente impossível prever quantas sessões seriam necessárias. Assim, para facilitar a perceção das sessões, a tabela seguinte irá conter apenas a “Sessão 2”, sabendo-se que a atividade de distribui por outras sessões.

Quadro 1

Síntese – Explicação das sessões e calendarização

SESSÃO	Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3	Sessão 4
ATIVIDADE	-Leitura da história “Não é uma Caixa”, de Antoinette Portis; -Escolha e “projeto” da construção e materiais;	-Construção das caixas;	-Gravações e fotografias das crianças e das caixas, para elaborar um vídeo de exposição às famílias;	-Apresentação do resultado (livro digital); - Apresentação do vídeo de exposição (às famílias) ao grupo de crianças.
DATA DE REALIZAÇÃO	12/05/2021	13/05/2021 até 26/05/2021	27/05/2021	28/05/2021
DURAÇÃO	Um dia	Seis dias	Um dia	Uma tarde

Como mencionado anteriormente, seria complexo ou mesmo impossível prever a calendarização das construções, o que dificultou a previsão de calendarização das

sessões seguintes. Assim, foram implementadas de acordo com a disponibilidade e tempo do grupo. Ainda foi importante distribuir as atividades por diferentes dias, para que o nível de interesse e envolvimento por parte das crianças se pudesse manter. Na tabela identificam-se as datas e a duração da realização das atividades, de acordo com o a evolução do processo.

De referir ainda que as atividades foram pensadas e planificadas de acordo com os interesses do grupo (Apêndice 3), sempre com a finalidade de desenvolver a criatividade através das Artes Visuais, de acordo com as OCEPE. No decurso das sessões foram utilizadas diferentes técnicas e estratégias de recolha de dados (apresentadas na Parte III, no ponto 1.1.), previamente pensadas, para posteriormente se refletir acerca das atividades realizadas.

6.2. Descrição das sessões

6.2.1. Primeira Sessão

A primeira sessão foi desenvolvida logo pela manhã do 12 de maio de 2021. Quando as crianças chegaram para a sua rotina habitual (sentados na manta), já estavam diversas caixas de cartão espalhadas pela sala (de diferentes tamanhos e formas), tendo em comum a sua cor - isto para despertar a curiosidade e interesse das crianças para o que ia acontecer de seguida, pois a primeira atividade iria ser a exploração e leitura do livro “Não É Uma Caixa” de Antoinette Portis. Podemos afirmar que funcionou, pois todas as crianças questionaram o motivo das caixas estarem ali.

Antes da leitura, iniciou-se com a exploração da capa do livro, já com todas as crianças sentadas na manta, desde os aspetos visuais, até ao autor da história. Utilizei algumas questões, tais como: “*De que vos faz lembrar este livro?*”, “*Parece-vos alguma coisa?*”. As crianças rapidamente associaram as cores da capa às caixas de cartão. Surgiram respostas como: “*Sim! Papel de cenário*”, “*Cartão!*”, “*Caixas!*”, até que olharam à sua volta e responderam, “*Faz lembrar uma caixa de cartão!*”.

Posto isto, prosseguiu-se para a leitura. Este livro mostra aos seus leitores que uma caixa pode ser mil e uma coisas, basta utilizar a imaginação e a criatividade. Além de ser muito rico para a imaginação das crianças, funcionou também como indutor das atividades desenvolvidas em seguida. Durante a leitura, assim que as crianças perceberam a dinâmica do livro, demonstraram vontade de participar, fazendo a leitura das imagens. Durante este tempo, o grupo manteve-se muito atento, entusiasmado e interessado.

Figura 1

Leitura da história do livro "Não É Uma Caixa"



Figura 2

Leitura da história do livro "Não É Uma Caixa"



Após a leitura, quiseram dialogar acerca da história e foi dada oportunidade para tal. Questionei o grupo de forma a garantir que todos tinham compreendido. Uma das crianças respondeu *"Sim! O coelhinho foi para o espaço apenas na sua cabeça [imaginação], porque aquilo era só uma caixa!"*. Questionei-os sobre o que poderíamos fazer com uma caixa e rapidamente surgiram bastantes ideias originais.

Posteriormente pedi às crianças que pensassem (sem dizer em voz alta) no que gostavam de criar com uma caixa. Uma a uma, disseram-me o que tinham escolhido através de um 'telefone imaginário'. Esta estratégia foi utilizada para que a ideia surgisse

de cada uma das crianças, de forma totalmente natural e espontânea. Neste momento, foi efetuado o registo das respostas obtidas em suporte escrito:

DG: *“Foguetão.”*

D: *“Dinossauro T-Rex.”*

B: *“Bola e um cesto para jogar”*

E: *“Lápis”*

B: *“Nave espacial”*

L: *“Carro de corridas”*

D: *“Dinossauro Velociraptor Blue”*

C: *“Carro dos bombeiros”*

MX: *“Foguetão”*

N: *“Avião”*

A: *“Flor-caixa”*

V: *“Foguetão”*

P: *“Dinossauro Velociraptor Blue”*

M: *“Helicóptero”*

CS: *“Elefante”*

L: *“Borboleta”*

S: *“Coelho”*

Em seguida, partilhei as respostas obtidas com o restante grupo e pedi para pensarem em materiais que gostavam de utilizar. Para facilitar este processo, cada criança desenhou o seu projeto numa folha de papel (Apêndice 4). As crianças mostraram imensa vontade em construir e enquanto desenhavam, partilhavam ideias

com os colegas, com a educadora cooperante e comigo, evidenciando imenso entusiasmo.

Figura 3

Elaboração do projeto (desenho) das construções



Finalizados os projetos, apresentei ao grupo a ideia de construir um livro digital, semelhante ao “Não É Uma Caixa!”, mas com as suas próprias fotografias. Todos acolheram entusiasticamente a ideia.

Já na parte da tarde, chamei as crianças individualmente, para que cada uma definisse alguns materiais a utilizar na sua construção. Ainda que algumas crianças tenham mostrado alguma dificuldade, acabaram por surgir ideias, como a utilização de tintas, pincéis, cola, guardanapos, papel de alumínio, folhas de papel, tecidos velhos, purpurinas, caixas de cartão de outros tamanhos, lápis de cor e marcadores.

Espalhei as caixas todas pela sala, e cada um procurou a que melhor se apropriava para o seu objetivo. Nesta fase surgiram alguns comentários bastante pertinentes, como:

C: *“Um carro de bombeiros tem um formato retangular, por isso não pode ser um cubo”.*

L: *“Um carro de corrida tem de ser maior que eu, para eu caber lá dentro”.*

B: *“A minha nave espacial tem de ser alta, para ser muito rápida”; “A minha nave vai ter um botão de um paraquedas espacial”.*

D: *“O meu dinossauro Velociraptor Blue tem a cabeça maior do que o corpo, por isso vou precisar de duas caixas, uma maior para a cabeça”.*

P: *“O meu dinossauro vai ser especial, tem de ser mais alto do que eu e vai ter cores diferentes dos originais”.*

Nesta sessão, depois da escolha das caixas, tirei uma fotografia inicial para compor o livro digital. Mais tarde, deparei-me com uma das crianças a folhear o livro e a “ler”, citando algumas partes da história. Este momento evidenciou o interesse, atenção e curiosidade demonstrado pelas crianças no momento da exploração e leitura do livro.

6.2.2. Segunda Sessão

Como mencionado anteriormente, na segunda sessão iniciou-se a construção das caixas de cartão. Esta construção desenrolou-se ao longo de seis dias de estágio curricular, prolongando-se de treze a vinte e seis de maio de dois mil e vinte e um, sendo inteiramente associada a este ponto.

Antes de começar as construções com as crianças, foi necessário preparar as caixas escolhidas de acordo com a finalidade de cada uma (fi-lo sozinha, uma vez que utilizei X-ato e materiais de corte, no entanto, respeitei a caixa e o objetivo de cada um). Uma vez que se tratava de uma atividade à qual as crianças não estão habituadas, precisavam de alguma orientação e por isso, ao longo da construção, criei grupos reduzidos, de três a quatro crianças, para trabalhar em simultâneo.

No primeiro dia de construções, iniciei o trabalho com algumas crianças que, depois de olharem novamente para o projeto da sua construção, decidiram que o

primeiro passo a fazer nas respetivas caixas de cartão seria pintar com tintas guache. Durante a pintura, notei bastante concentração e entusiasmo, sendo de mencionar que foram fiéis ao projeto na eleição das cores a utilizar, demonstrando algum rigor e atenção. Enquanto estavam a pintar, o restante grupo questionava imensas vezes quando seria “a sua vez”, o que evidenciou a motivação que o grupo sentiu por concretizar esta atividade.

Figura 4

Construções com caixas de cartão



Figura 5

Construções com caixas de cartão



No dia seguinte, continuou-se com as construções das caixas de cartão. Mais quatro crianças iniciaram o seu trabalho, além das que já tinham começado no dia anterior. Estiveram muito envolvidas na atividade e sempre em constante evolução: lembravam-se sempre de outras coisas que poderiam adicionar para melhorar a sua construção. Um exemplo disso, foi quando a criança que estava a construir um carro de bombeiros, pediu para escrever letras de lado (como vê nas ambulâncias) bem como uma matrícula e luzes.

Uma das crianças de 3 anos terminou o seu dinossauro e ficou radiante com o resultado. Foi mostrá-lo a colegas, educadoras e auxiliares da instituição. Necessitou de um maior apoio para a concretização da construção, a preparação da caixa foi feita por mim e os restantes aspetos pela criança, adaptados à faixa etária (foram utilizados carimbos de esponja, várias tintas em tons de verde e colagens com papel crepe, a

pedido a criança). Na manhã seguinte, mais algumas crianças finalizaram as construções e foi notório o seu entusiasmo.

Já na semana seguinte, continuaram-se as construções das crianças que ainda não tinham começado ou concluído. Além de estarem motivados para a atividade, sempre predispostos para participar, tendo surgido comentários bastante interessantes, que registei:

D: *“O meu foguetão está a ficar um máximo. Assim que estiver pronto vou descolar!”*

C: *“O meu carro dos bombeiros vai ficar aqui, para nos ajudar quando tivermos um problema!”*

E: *“O pincel parece uma vassoura com tinta!”*

Foi perceptível que cada criança aplicou os materiais, cores e técnicas que mais gostava na sua construção. Apesar da maioria revelar vontade de tomar as próprias decisões e um enorme espírito crítico, algumas (em especial as crianças mais novas) precisaram de muita ajuda e orientação. É de mencionar que esta orientação em nada se assemelhava a imposição na utilização de materiais, mas sim na exposição de uma panóplia de materiais e técnicas possíveis para que pudessem escolher, consoante os seus gostos e vontade.

No último dia de construções, as crianças terminaram as suas caixas, obtendo resultados muito originais.

Figura 6

Construções finalizadas



Figura 7

Construções finalizadas



6.2.3. Terceira Sessão

Finalizadas as construções, deu-se início à penúltima sessão. Neste dia, a preocupação foi a de efetuar registos fotográficos e de vídeo, não só para terminar o livro digital (Apêndice 6), como também para elaborar um vídeo final.

O vídeo, composto por registos de toda a sequência das atividades, desde a leitura do livro até à finalização das construções com caixas de cartão, teve o objetivo de dar a conhecer à comunidade educativa o trabalho desenvolvido pelas crianças, bem como a sua apresentação. Alguns desses registos fotográficos podem encontrar-se no Apêndice 5 deste relatório. Inicialmente, esta exposição iria concretizar-se no recreio da escola, que as famílias também teriam a oportunidade de visitar. No entanto, devido à pandemia COVID-19, as visitas estavam desaconselhadas.

Depois de realizar fotografias para o livro digital (Apêndice 6), iniciámos a gravação dos vídeos, onde cada elemento do grupo apresentou a sua caixa e os materiais utilizados ao longo das sessões. Todos mostraram muita curiosidade nesta sessão, pedindo para ver os vídeos e fotografias no próprio dia. Neste momento, considerei relevante que as construções estivessem devidamente identificadas com uma pequena frase ilustrativa criada por cada criança.

6.2.4. Quarta Sessão

Esta última sessão teve como objetivo apresentar os resultados ao grupo. Começámos com um diálogo em grande grupo, de forma a refletir sobre o trabalho desenvolvido. Posto isto, iniciei a leitura do livro digital (Apêndice 6), ao qual reagiram de forma fantástica, sempre a revelar muito gosto e felicidade pelas atividades. Depois de ler o livro três vezes, a pedido das crianças, todos se sentaram em frente à televisão e coloquei o vídeo criado para partilhar com as famílias e restante comunidade educativa. Mais uma vez, o entusiasmo foi tal que quiseram ver o vídeo mais vezes. Posteriormente, tanto o livro como o vídeo foram publicados na página privada da escola com os pais, tendo recebido agradecimentos e comentários muito positivos.

As crianças levaram as suas construções para casa - outro aspeto que valorizaram, respondendo com notória felicidade.

Figura 8

Visualização do vídeo final



Figura 9

Visualização do livro digital



PARTE V – RESULTADOS

Na parte V do relatório são apresentados e analisados os resultados da intervenção e do próprio estudo.

1. Apresentação e análise dos resultados

Depois da apresentação das sessões realizadas, importa refletir acerca dos contributos positivos repercutidos ou não nas crianças. Para isto, é importante rever a intencionalidade formativa das atividades desenvolvidas, tendo em conta as áreas de conteúdos e as dimensões cognitivas, sociais e emocionais implicadas.

Uma vez que se trata de um estudo qualitativo, apoiado fundamentalmente pela observação direta e por registos fotográficos, os resultados serão apresentados de forma estruturada e descritiva. A intencionalidade das atividades está retratada nas aprendizagens a promover, já mencionadas no Enquadramento e Objetivos da Intervenção (Parte IV – INTERVENÇÃO EDUCATIVA).

Ao longo da transformação das caixas foi sempre priorizada a autonomia e independência das crianças, sendo que estas tomaram as suas próprias decisões quanto ao que iriam construir, aos materiais e às técnicas a utilizar (Área da Formação Pessoal e Social).

O quadro seguinte é uma síntese que reflete as aprendizagens promovidas, citadas por Silva et al. (2016), através da intervenção.

Quadro 2

Síntese das aprendizagens promovidas ao longo das atividades desenvolvidas

ÁREA DE CONTEÚDO	APRENDIZAGEM A PROMOVER	MOMENTO
Área da Formação Pessoal e Social (Independência e autonomia / Consciência de si como aprendiz)	“-Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros. -Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem.” (p.42).	-Decisão do que irá construir; -Escolha dos materiais a utilizar; -Construção das caixas.

Área da Expressão e Comunicação – Domínio das Expressões Artísticas – Subdomínio das Artes Visuais	“-Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. -Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa.” (p.50).	-Realização dos projetos das construções; -Construção das caixas.
Área da Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Comunicação Oral / Prazer e motivação para ler e escrever)	“-Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação. -Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).” (p.62). “-Compreender que a leitura e a escrita são atividades que proporcionam prazer e satisfação.” (p.73).	-Exploração, leitura e diálogo da história; -Realização dos projetos das construções; -Construção das caixas.

Desta forma, foi possível garantir o desenvolvimento das competências previstas ao longo das atividades, em que este estudo visou demonstrar uma relação entre as artes visuais e a criatividade, sendo que a primeira influencia a segunda. Para analisar os resultados desta premissa recorreremos aos registos fotográficos.

Quadro 3*Comparação do projeto, construção e realidade*

PROJETO	CONSTRUÇÃO COM CAIXA DE CARTÃO
	

Analisemos o exemplo do Quadro 3, entre outros que se encontram nos apêndices deste documento. Quando se compara um verdadeiro carro de bombeiros com o projeto realizado pela criança C, estamos perante um desenho que é fruto da sua imaginação e criatividade, pois não existiram referências visuais na sua realização, ou seja, a imagem constituiu uma abstração conceptual da sua intenção, pelo que, ao construir a caixa, a criança sentiu-se à vontade para alterar cores, formas e materiais consoante o seu gosto. Em ambos os momentos, podemos afirmar que a criança C conseguiu concretizar as atividades devido à sua criatividade.

Através de registos fotográficos evidenciados no Apêndice 7, pode-se concluir que como aconteceu com a criança C, aconteceu com o restante grupo.

Além deste objetivo, o presente estudo pretendia “planear e implementar um conjunto de propostas relacionadas com as Artes Visuais, promovendo a criatividade”, e numa fase posterior “observar e compreender o impacto das atividades na aprendizagem das crianças”. Considero que ambos os objetivos foram cumpridos, através da intervenção educativa realizada, bem como através da análise dos seus resultados.

1.1. Opinião da professora cooperante em relação às sessões implementadas

Com o propósito de contribuir para este estudo, foi realizada uma entrevista à educadora cooperante (educadora dos participantes da intervenção educativa). Esta entrevista permitiu esclarecer aspetos relacionados com a intervenção, sendo que a entrevistada teve uma leitura ampla da problemática em questão.

A transcrição da entrevista encontra-se no Apêndice 8, ocorreu dia 2 de junho de 2021, no Jardim de Infância onde decorreu a prática educativa, tendo sido previamente agendada de acordo com a sua disponibilidade. A duração foi de aproximadamente 15 minutos e foi possível constatar a disponibilidade e colaboração da educadora, facto que merece reconhecimento, pelo contributo para um melhor e mais amplo entendimento da temática em causa.

Em primeiro lugar, importa destacar que a primeira questão colocada à educadora cooperante surge como forma de confirmar a dedicação visível das crianças, no que diz respeito às artes visuais - aspeto importante para a realização das atividades desenvolvidas e referidas neste relatório.

Em segundo lugar, está espelhada a sua opinião relativamente à relação entre a criatividade e as artes visuais. A educadora concorda que os dois conceitos estão interligados, no sentido em que as artes visuais estão associadas à criatividade e potenciam inúmeras competências.

Conclui-se a entrevista com o ponto de vista da educadora cooperante em relação ao conjunto de atividades implementadas, aspeto que já tinha sido referido e tido em consideração no planeamento das sessões.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Conclusões

Ao longo deste relatório foram apresentadas as componentes teórica, metodológica e prática que sustentaram este estudo. Todas essas componentes se complementam, formando partes de um todo, essenciais ao cumprimento dos objetivos definidos e daí podermos retirar conclusões.

As Artes Visuais sempre ocuparam um lugar de destaque na minha vida, pessoalmente, é das áreas que mais gosto. Associá-las com a criatividade é quase indutivo, pois sempre acreditei que arte e criatividade são indissociáveis. Considero o tema da máxima pertinência, uma vez que na área da educação e ensino deve haver momentos de reflexão para compreender o que deve ser prioritário para as crianças e para os alunos em geral. Foi o que significou para mim este relatório, permitindo-me refletir sobre as práticas de ensino e aprendizagem vivenciadas.

Considero que o desenvolvimento da intervenção educativa na Educação Pré-Escolar foi um sucesso, para o estudo e para as crianças. Não estavam habituadas a realizar atividades desta dimensão e foi notória a felicidade e motivação com que reagiram ao longo das sessões. Demonstraram ser altamente criativas, apresentando um espírito crítico e revelando os seus gostos pessoais, principalmente através da construção das caixas, que foi um processo muito natural. Apesar da educadora cooperante lhes estimular a capacidade de serem autónomos e independentes em diversas situações, não estando familiarizados com a atividade desenvolvida, surpreenderam-me pela positiva neste particular. Ao disponibilizar diferentes materiais, todos foram capazes de decidir quais queriam utilizar e através de que técnicas, ainda que algumas crianças de 3 anos tenham necessitado de uma maior orientação.

Todas as crianças nascem predispostas para a criatividade, mas essa capacidade precisa de ser estimulada de forma regular. É importante que todos os docentes reflitam sobre esta componente, já que representa enorme impacto para o futuro das crianças.

Ao longo do estudo, no capítulo da intervenção, foram enfatizadas as caracterizações da sala de atividades, da instituição, bem como as dinâmicas relacionais das crianças, com o restante grupo e com a educadora cooperante. É feito este destaque, porque considero que sem um ambiente tranquilo, que respeite as condições adequadas, onde as crianças se sintam libertas, seguras, livres de julgamento e com o pensamento de que errar é perfeitamente normal e gera aprendizagens, faz toda a diferença na promoção da criatividade. Acredito que, ao desenvolver a mesma atividade num espaço onde as crianças não se sentissem livres, não iria obter resultados tão positivos.

Finalmente, para responder à questão-problema, “De que forma as Artes Visuais influenciam a criatividade da criança?”, posso afirmar que as Artes Visuais influenciam os processos criativos, na medida em que as atividades nesta área disciplinar induzem à imaginação e à criatividade. Ou seja, ao desenvolver uma atividade de Artes Visuais, a criatividade floresce de forma espontânea e natural.

Isto deve-se:

- Ao estímulo da imaginação, já que as crianças têm oportunidade de experimentar novos materiais, técnicas, cores, formas e não só, que permitem que criem seres e objetos que não existem na realidade;
- À promoção da expressão pessoal, já que as crianças podem exprimir os seus gostos e emoções através das artes;
- À resolução de problemas, uma vez que praticam a tomada de decisões de uma forma criativa, através das suas experiências;
- À sensibilidade estética, pois, as Artes Visuais ajudam a desenvolver a perceção visual, através da observação, ampliando essa sensibilidade sobre o mundo que os rodeia.

Todos estes fatores são determinantes na promoção da criatividade.

2. Limitações do estudo

Apesar do estudo e da intervenção terem atingido os objetivos previstos, enunciam-se algumas limitações. A pandemia vivida ao longo do ano da intervenção educativa (Covid-19) fez com que a concretização das atividades tivesse de ser desenvolvida com um ambiente de alguma incerteza e insegurança, pois a qualquer momento a instituição poderia encerrar. O tempo de prática educativa não foi cumprido na sua totalidade e por essa razão as intervenções nem sempre puderam prolongar-se tanto quanto gostaríamos. Além disso, inicialmente foi pensada uma exposição dos resultados à comunidade educativa, que mais tarde teve de tomar outra forma, devido à impossibilidade de receber famílias no interior da Instituição.

Finalmente, outro obstáculo já mencionado ao longo do relatório, ocorreu no ano seguinte, ao longo da prática educativa em 1º CEB, onde estava previsto implementar o mesmo conjunto de atividades, com uma turma de 2º ano - no entanto, não foi possível devido à falta de tempo e espaço letivos adequados à sua realização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, S., Madanelo, O., & Martins, M. (2019). Autonomia e flexibilidade curricular: caminhos e desafios na ação educativa. *Gestão E Desenvolvimento*. Pp. 337-362. <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2019.387>

Amado, J. (2010). Ensinar e aprender a investigar – reflexões a pretexto de um programa de iniciação à pesquisa qualitativa. *Revista portuguesa de pedagogia*. 119-142. https://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1647-8614_44-1_5/721

Amado, J. (2014). Manual de Investigação Qualitativa em Educação (2ª ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra.

Castro, C. (2010). *Características e finalidades da Investigação-Ação*. <https://cepealemanha.files.wordpress.com/2010/12/ia-descric3a7c3a3o-processual-catarina-castro.pdf>

Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F. Ferreira, M. & Vieira, S. (2009). Investigação-Ação: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, v. XIII (nº2), pp. 455-479. <https://hdl.handle.net/1822/10148>

"criatividade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/criatividade> [consultado em 08-05-2023].

Cró, M. L., & Pinho, A. M. (2012). Educação de infância em Portugal: perspectiva histórica. *Revista de Educação PUC-Campinas*, 17(2), 205-215. <https://www.redalyc.org/pdf/5720/572061927007.pdf>

Cryer, D., Clifford, R. M., Harms, T. (1998). *Early Childhood Environment Rating Scale*. Teacher College Press, Columbia University. New York and London.

Fontes, O. (2009). *Literatura Infantil: Raízes e Definições*. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Cadernos de Estudo 14.

Godinho, J. C., & Brito, M. J. (2010). *As artes no jardim-de-infância, textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação, Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Gomes, J. (1986). *Para a história da educação em Portugal*. Porto Editora.

Gonçalves, A. (2004). *Métodos e técnicas de investigação social I* [Provas de Agregação no Grupo Disciplinar de Sociologia, Universidade do Minho: Instituto de Ciências Sociais]. WordPress. <https://tendimag.files.wordpress.com/2012/09/mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-investigac3a7c3a3o-social-i.pdf>

Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Raiz Editora.

Harms, T., Clifford, R. M., Cryer, D. (1998). *Early Childhood Environment Rating Scale*.

Lei n.º 46/86, 14 de outubro de 1986 – Lei de Bases do Sistema Educativo. Diário da República: I série, nº237.

Maia, V. (2014). *A relevância da interação criança-criança em grupos heterogéneos no processo de aprendizagem* [Dissertação de mestrado, Universidade de Évora: Escola de Ciências Sociais e Humanas]. Repositório da Universidade de Évora. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/13611>

Marques, P. (2016). *A educação pré-escolar: regras, comportamentos e cidadania* [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Portalegre]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/12463>

Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Ministério da Educação Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. <https://apei.pt/download/a-descoberta-da-escrita-lourdes-mata-2008>

Morgado, J. C. (2013). *O Estudo de Caso na Investigação em Educação* (4ª ed.). De Facto Editores.

Moser, V. (2015). *A criatividade: a necessidade da promoção da atividade criadora o pré-escolar* [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Educação e Ciências de Lisboa]. Repositório Comum. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/11066/1/A%20CRIATIVIDADE.pdf>

Oliveira, M. (2017). *Um novo olhar sobre as artes visuais na educação pré-escolar: um desafio da contemporaneidade*. http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2744/1/livro_de_atas_CIEA2017_v2018-11-02_2-271-281.pdf

Paiva, B. (2006). Urbanidade e educação cultural: estudo de caso em supervisão ecológica [Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro]. Repositório institucional da Universidade de Aveiro. <https://ria.ua.pt/handle/10773/4781>

Pimentel, J. (2017). A importância das histórias no Pré-Escolar [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Coimbra]. Repositório Comum. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23129/1/JULIANA_PIMENTEL.pdf

Pontes, V., & Azevedo, F. (2003). *A criança e a literatura infantil: uma relação fantástica em sala de aula* [Universidade do Minho]. RepositóriUM. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8008>

Quintela, H., & Valadares, A. (1997). *Enciclopédia de educação infantil (Vol. V)*. Nova Presença.

Ribeiro, A., & Cabral, S. (2013). *“Aqui nós participamos!” A participação das crianças na educação de infância*. [Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa]. <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/4580/1/Ribeiro%20e%20Cabral.pdf>

Robinson, K. (2010). *O Elemento*. Porto: Porto Editora.

Romanowski, F., Castro, M., & Neris, M. (2019). *Manual de tipos de estudo* [Programa de Pós Graduação. Centro Universitário de Anápolis]. Repositório Institucional. <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/15586/1/MANUAL%20DE%20TIPOS%20DE%20ESTUDO.pdf>

Sá, P., Costa, A. P. & Moreira, A. (2021). *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados* (Vol. 2, 2ª ed.). UA Editora. https://ria.ua.pt/bitstream/10773/30772/3/Metodologias%20investigacao_Vol2_Digital.pdf

Sawyer, R. K. (2012). *Explaining creativity: The science of human innovation*. Oxford University Press.

Seabra, J. (2007). *Criatividade* [Trabalho de Licenciatura, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra]. <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0104.pdf>

Silva, A. (2000). *A educação artística e a promoção das artes, na perspetiva das políticas públicas* (1ª ed.). Editorial do Ministério da Educação.

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

Silva, P. (2012). *Influência da Literatura Infantil na Motivação para a Leitura* [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Coimbra]. Repositório Comum. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/12570/1/PAULA_SILVA.pdf

Vasconcelos, T. (s.d.). *A importância da Educação Pré-escolar: que escolhas devo fazer*. Porto Editora. <https://www.portoeditora.pt/paisealunos/pais-and-alunos/noticia/ver/?id=28322&langid=1>

Vygotsky, L. S. (1991). *A Formação Social da Mente* (4ª ed.). Martins Fontes Editora Ltda.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Guião de orientação para o questionário realizado a professores de 1º Ciclo

Apêndice 2 – Questionário respondido por professores de 1º CEB;

Apêndice 3 - Planificação das sessões;

Apêndice 4 – Desenhos/projetos das construções com caixas;

Apêndice 5 – Registos fotográficos das sessões implementadas;

Apêndice 6 - Livro “Não É Uma Caixa”, produto final das sessões;

Apêndice 7 – Tabela de análise de resultados;

Apêndice 8 – Entrevista à educadora cooperante.

Apêndice 1

Guião de orientação para o questionário realizado a professores de 1º Ciclo

Escola Superior de Educação de Coimbra

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Este questionário surge no âmbito do relatório final "A influência das Artes Visuais na criatividade das crianças". Tem como objetivo reunir opiniões de professores de 1º Ciclo do Ensino Básico, acerca do tempo dedicado às Artes Visuais, bem como da sua influência na criatividade das crianças.

Guião de orientação para o questionário:

1. Quantos anos de serviço tem como professor/a de 1º Ciclo?

Resposta aberta.

2. Acredita que há alguma diferença no tempo dedicado ao estímulo da criatividade no Pré-escolar e no 1º CEB?

Opção de resposta – Sim / Não.

3. Considera que as Artes Visuais têm influência na criatividade das crianças?

Opção de resposta – Sim / Não.

4. Sendo professor/a de 1º CEB, considera que tem tempo letivo suficiente para implementar atividades regulares de Artes Visuais (além do desenho e pintura com lápis e marcadores)?

Opção de resposta – Sim / Não.

5. Acha que é possível criar um equilíbrio entre a promoção das competências essenciais em 1º CEB e o estímulo de criatividade através das Artes Visuais? Se sim, como?

Resposta aberta.

Apêndice 2

Questionário respondido por professores de 1º Ciclo

Este questionário surge com o objetivo de recolher diferentes opiniões de professores de 1º ciclo, de forma a retirar algumas deduções acerca do contraste entre Educação Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

Figura 1

Primeira pergunta do questionário

Quantos anos de serviço tem como professor/a de 1º Ciclo?

 Copiar

8 respostas

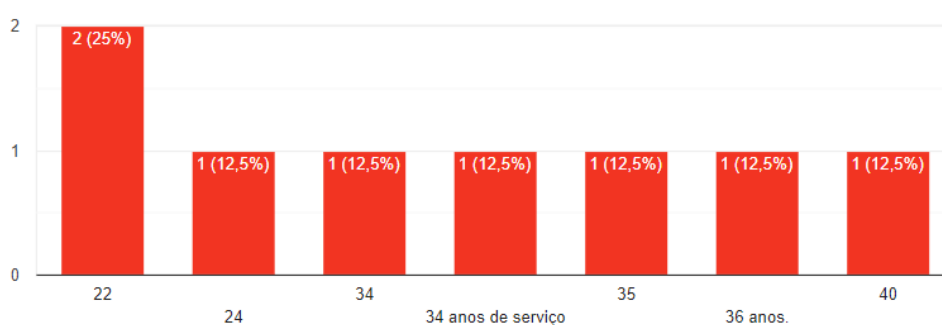


Figura 2

Segunda pergunta do questionário

Acredita que há alguma diferença no tempo dedicado ao estímulo da criatividade no Pré-escolar e no 1º CEB?

 Copiar

9 respostas

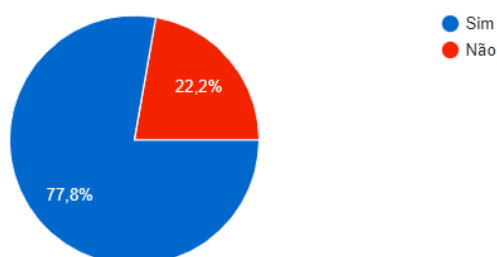


Figura 3

Terceira pergunta do questionário

Considera que as Artes Visuais têm influência na criatividade das crianças?

 Copiar

9 respostas

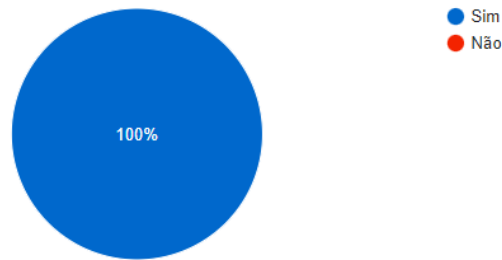


Figura 4

Quarta pergunta do questionário

Sendo professor/a de 1º CEB, considera que tem tempo letivo suficiente para implementar atividades regulares de Artes Visuais (além do desenho e pintura com lápis e marcadores)?

 Copiar

9 respostas

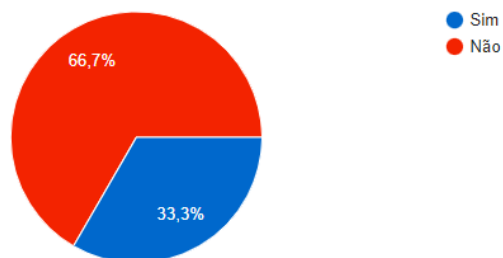


Figura 5

Quinta e última pergunta do questionário

Acha que é possível criar um equilíbrio entre a promoção das competências essenciais em 1º CEB e o estímulo de criatividade através das Artes Visuais? Se sim, como?

9 respostas

Sim, através da interdisciplinaridade. Embora, ainda assim, não seja fácil, tendo em conta a extensão dos programas curriculares.

A criatividade é essencial para o equilíbrio emocional, ela deverá ser sempre estimulada e terá que fazer parte de todas as disciplinas dadas. Ela está presente em tudo.

A criatividade é essencial para o equilíbrio emocional e para o sucesso educativo. Ao estar presente em tudo ao nosso redor, é urgente desenvolver em todas as disciplinas.

Sim. Uma pode ser complemento da outra, tornando-se mais "complexa" com o avanço de ano de escolaridade.

Sim, trabalhando de forma interdisciplinar.

Sim, fazendo a interdisciplinaridade com outras disciplinas, fazendo projetos, estimulando a partilha de saberes dos e entre os alunos, desenvolvendo a observação (do que os rodeia e para além), envolvendo os pais em dinâmicas de sala de aula e fora da mesma, fazendo visitas a museus...,contactando com artesãos...

Sim, com o aumento de horas para lecionação de Educação Artística.

Sim.

O currículo de Matemática e Português, principalmente o de Matemática é muito extenso e complexo, deveria ser revisto, no sentido de se adaptar à maturidade dos alunos e permitir uma melhor consolidação de conteúdos. Assim permitiria também mais tempo para dedicar às Artes Visuais.

Apêndice 3

Planificação das sessões

Quadro 1

Planificação da primeira sessão

Ponto de partida/Contextualização/Justificação	Áreas de Conteúdo	Aprendizagens a promover	Recursos	Estratégias a desenvolver/implementação	Gestão de Tempo/Espaço
De forma a estudar e refletir sobre a influência da expressão plástica na criatividade das crianças, surgiu a ideia de transformar caixas de cartão, aparentemente sem utilidade, a partir da imaginação das crianças. Para provar a criatividade do grupo, darei liberdade total para que cada um concretize o que para si fizer mais sentido, com os materiais que considerarem mais pertinentes. Neste sentido, importa contextualizar a atividade e assim mostrar às crianças que através da expressão plástica se pode criar inúmeros objetos. Esta sessão surge então para os levar a refletir sobre o tema.	<u>Área de Formação Pessoal e Social</u> Consciência de si como aprendiz Independência e autonomia <u>Domínio da Educação Artística</u> Subdomínio	- “Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem.” (Silva et al., 2016, p. 42); - “Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros.” (Silva et al., 2016, p. 36); - “Desenvolver capacidades expressivas e	- Livro “Não é uma caixa!” de Antoinette Portis; - Material de escrita e folha A4; - Caixas de cartão diferentes; - Câmara fotográfica;	- Exploração da capa e leitura da história “Não é uma caixa!” de Antoinette Portis; - Diálogo com as crianças sobre tudo o que podemos fazer com uma caixa (no que a podemos transformar, sendo que podem ir muito além das sugestões do livro); - Recolha de informação quanto ao que cada um quer construir; - Cada um faz um projeto através de um desenho; - Na parte da tarde, recolha das ideias/materiais que gostavam de	Iniciamos na manta, com a leitura da história, que demorará aproximadamente 15 minutos. Partiremos para o diálogo sobre a história e sobre tudo o que pode ser uma simples caixa de cartão, bem como a recolha das decisões das crianças, ao longo de aproximadamente 15 minutos. Já na mesa de atividades, cada criança fará o projeto da sua “Não é uma caixa”, por aproximadamente 10 minutos.

	o das Artes Visuais	criativas através de experimentações e produções plásticas.” (Silva et al., 2016, p. 50);		utilizar, bem como escolha das caixas (caixas diferentes). Neste momento, tirar a cada criança uma fotografia com a sua caixa, para futuramente colocar no livro digital.	
	<u>Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</u> Comunicação Oral	-“Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação.			
	Prazer e motivação para ler e escrever	-Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).			
		-Compreender que a leitura e a escrita são atividades que proporcionam prazer e satisfação” (Silva et al., 2016,			

		p.73).			
--	--	--------	--	--	--

Quadro 2*Planificação da segunda sessão*

Ponto de partida/Contextualização/Justificação	Áreas de Conteúdo	Aprendizagens a promover	Recursos	Estratégias a desenvolver/implementação	Gestão de Tempo/Espaço
De forma a estudar e refletir sobre a influência da expressão plástica na criatividade das crianças, surgiu a ideia de transformar caixas de cartão, aparentemente sem utilidade, a partir da imaginação total das crianças. Para provar a criatividade do grupo, darei liberdade total para que cada um concretize o que para si fizer mais sentido, com os materiais que considerarem mais pertinentes. Esta sessão surge para iniciar a construção das caixas.	<u>Área de Formação Pessoal e Social</u> Independência e autonomia Consciência de si como aprendiz <u>Domínio da Educação Artística</u> Subdomínio	- “Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem.” (Silva et al., 2016, p. 42); - “Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros.” (Silva et al., 2016, p. 36); - “Desenvolver	- Caixas de cartão diferentes; - Materiais diversos (a definir com cada criança).	- Transformação da caixa de cartão. <u>Nota:</u> Nesta sessão, irei auxiliar as crianças individualmente/ em grupos de 2 ou 3, de acordo com as características do seu trabalho.	Num espaço a definir (na sala de atividade ou no espaço exterior). Esta sessão repetir-se-á as vezes necessárias até concluir a construção das caixas. Por essa razão não há previsão de tempo.

	das Artes Visuais	capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.” (Silva et al., 2016, p. 50); - “Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, (...) na produção e apreciação das suas produções (...)” (Silva et al., 2016, p. 50);			
--	-------------------	---	--	--	--

Uma vez que a terceira e quarta sessão são a recolha de registos fotográficos/vídeos e a apresentação dos resultados às crianças, respetivamente, não carecem de planificação.

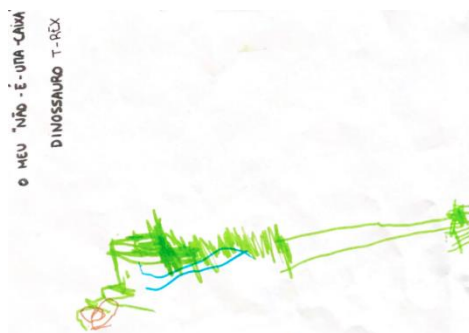
Apêndice 4

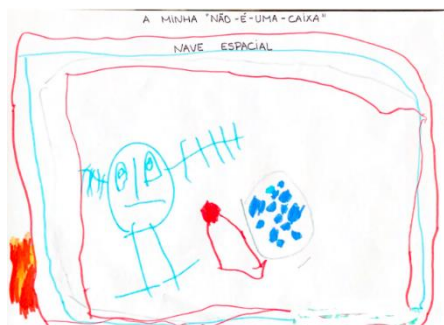
Projetos (desenhos) das construções com caixas

Figura 6

Projetos (desenhos) das construções com caixas de cartão







Apêndice 5

Registos fotográficos das sessões implementadas

Figura 7

Registos fotográficos das intervenções









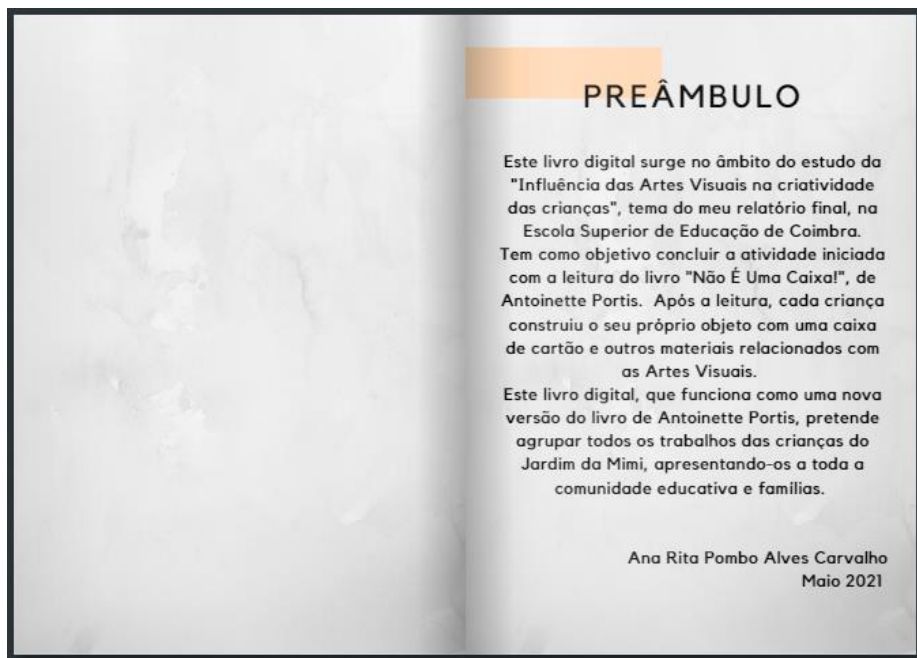


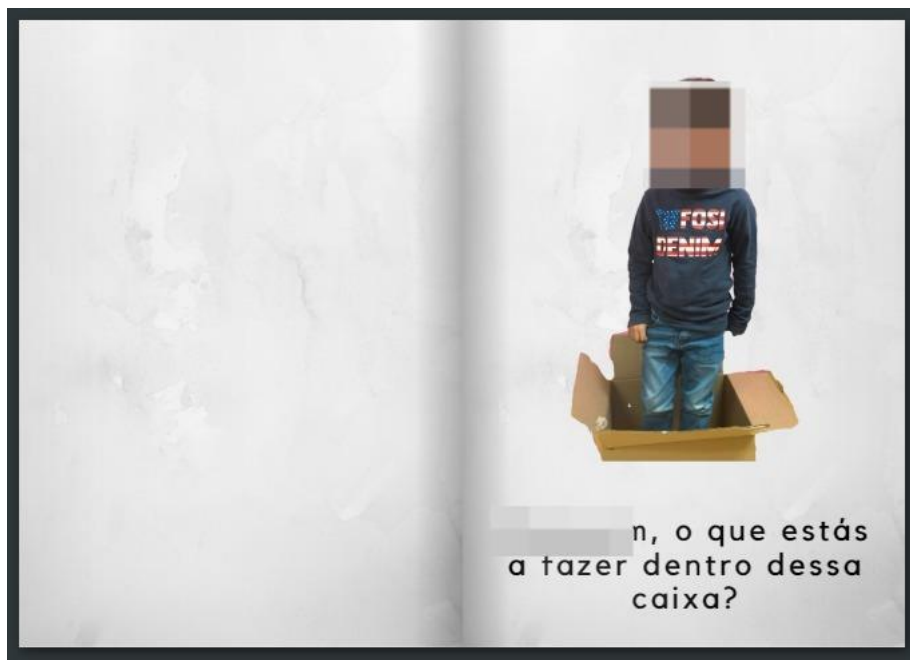
Apêndice 6

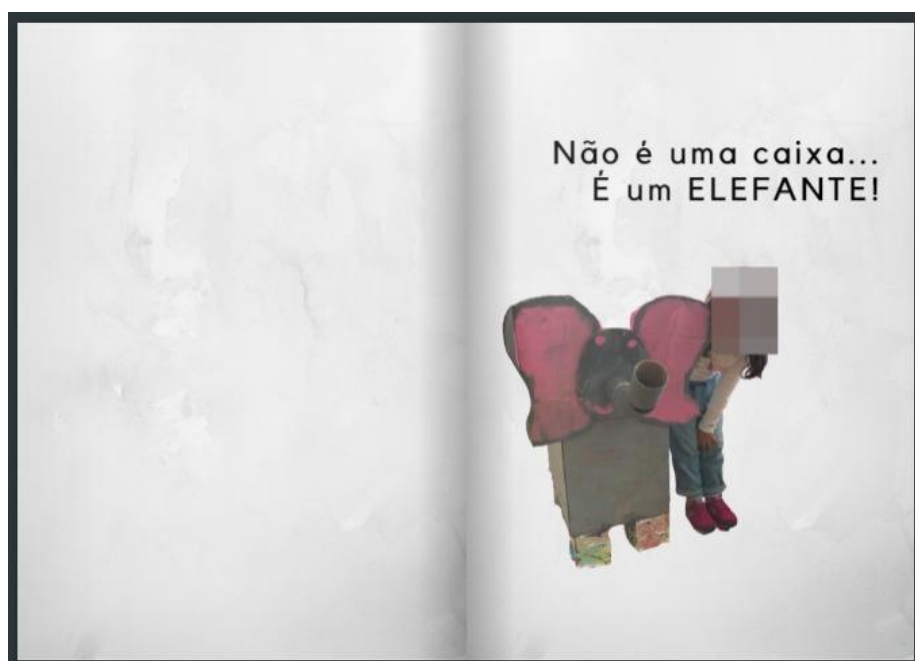
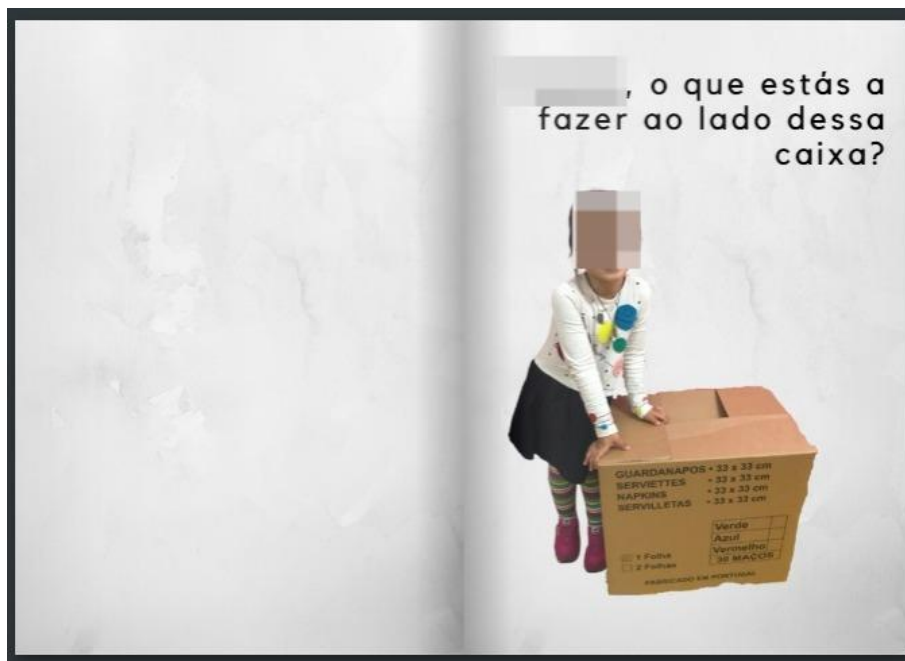
Livro “Não É Uma Caixa”, produto final das sessões

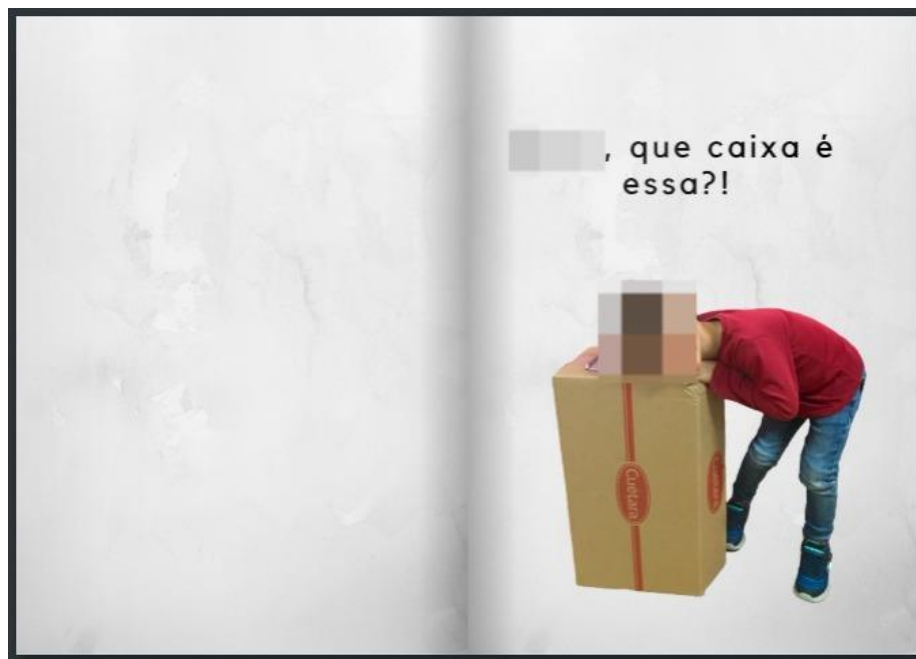
Figura 8

Páginas do livro digital

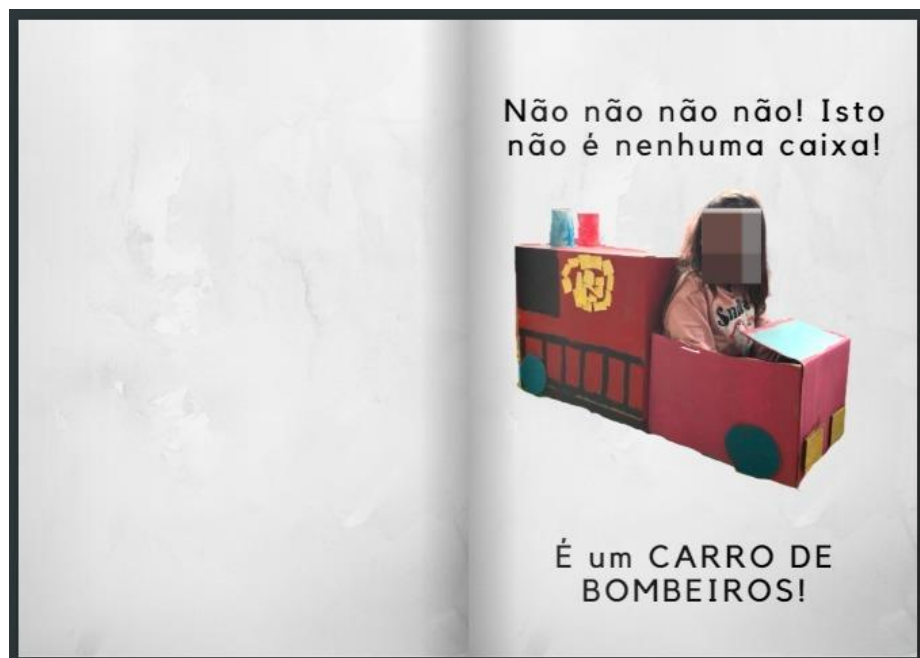


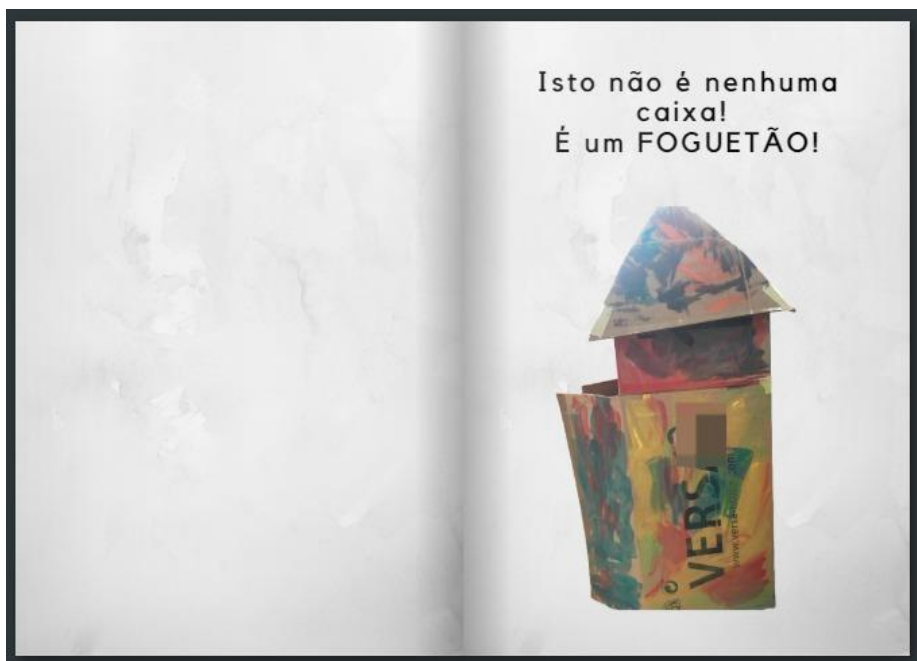


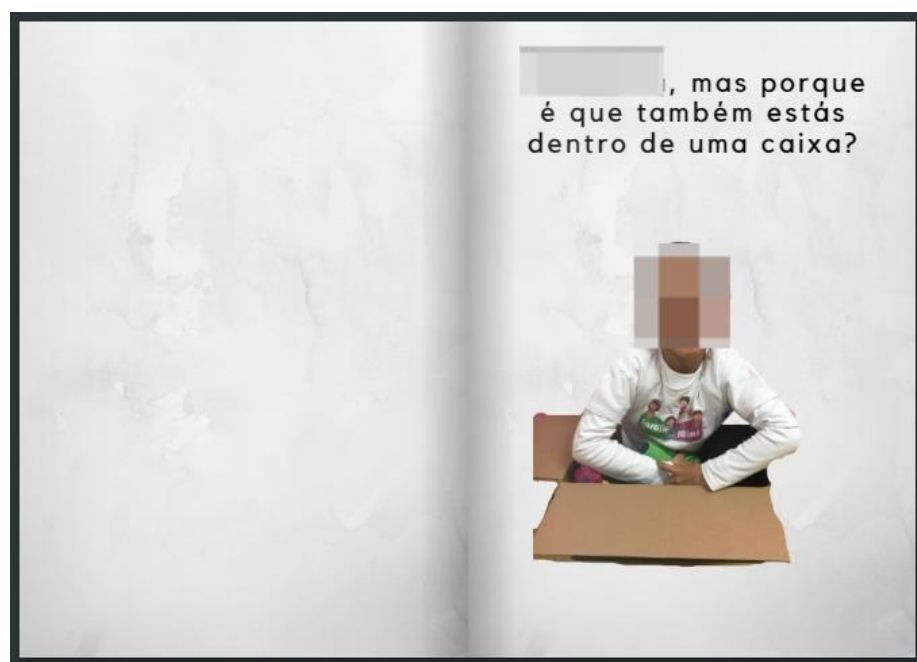




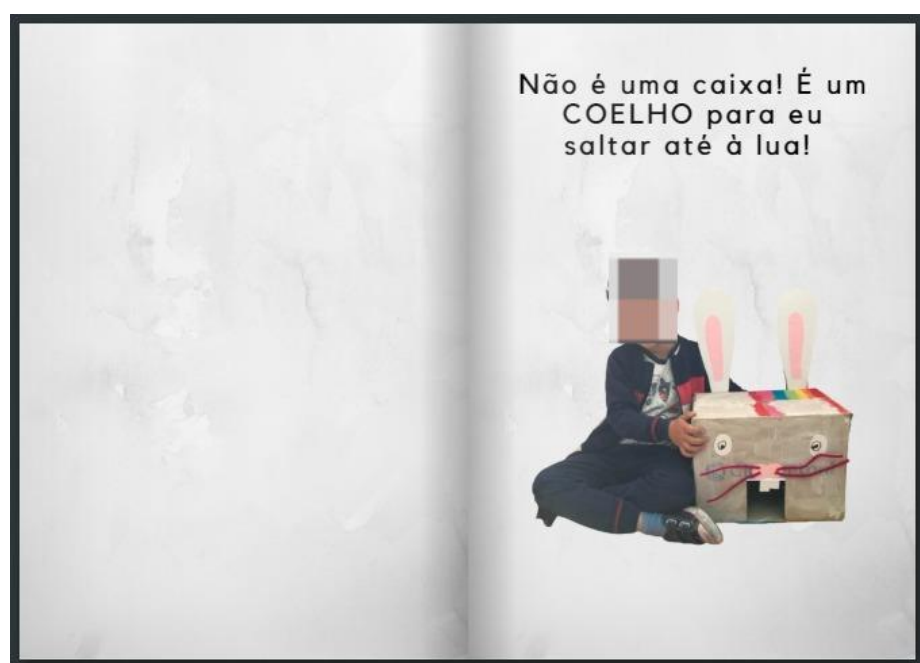
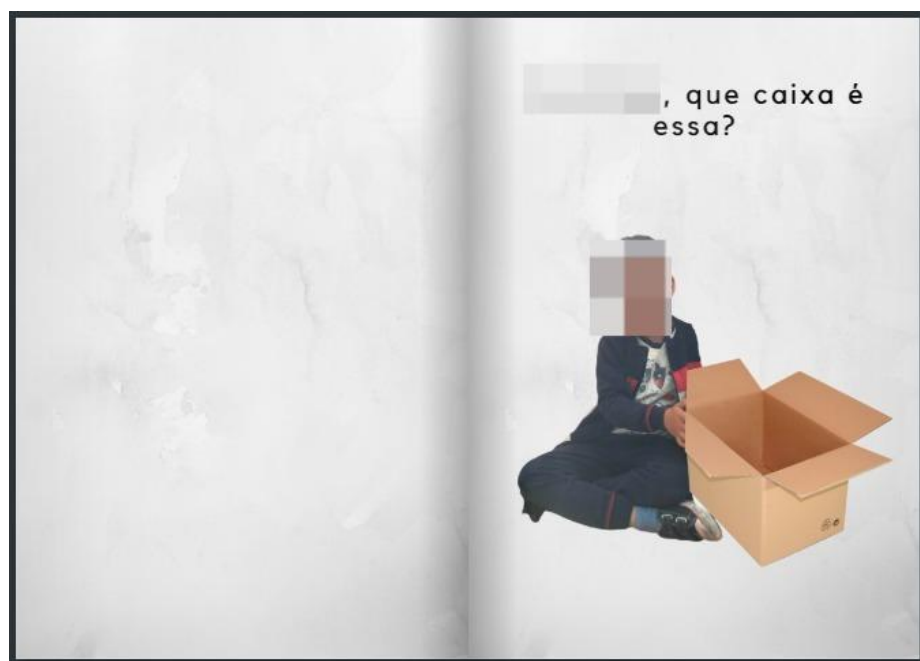


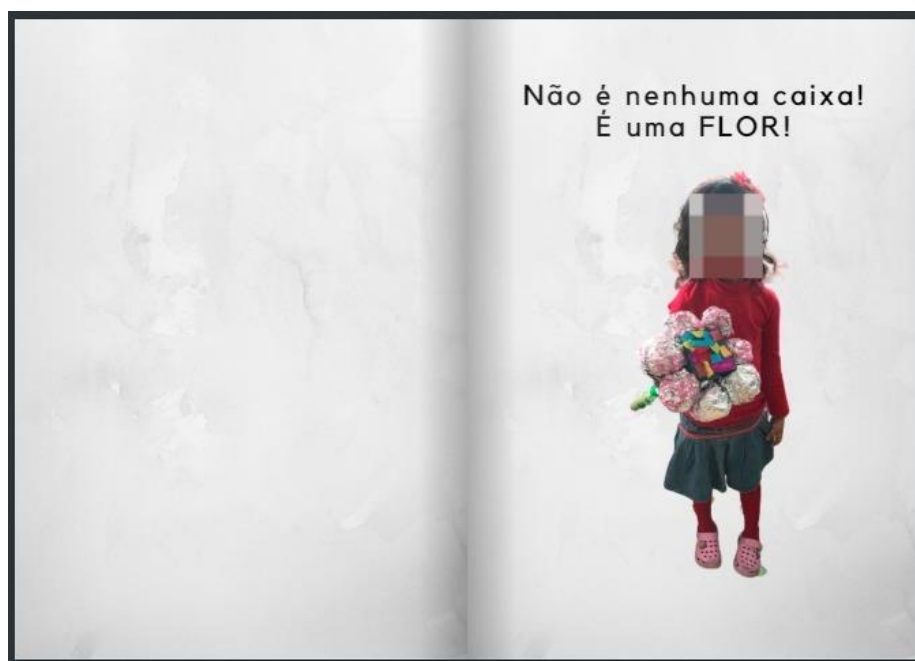
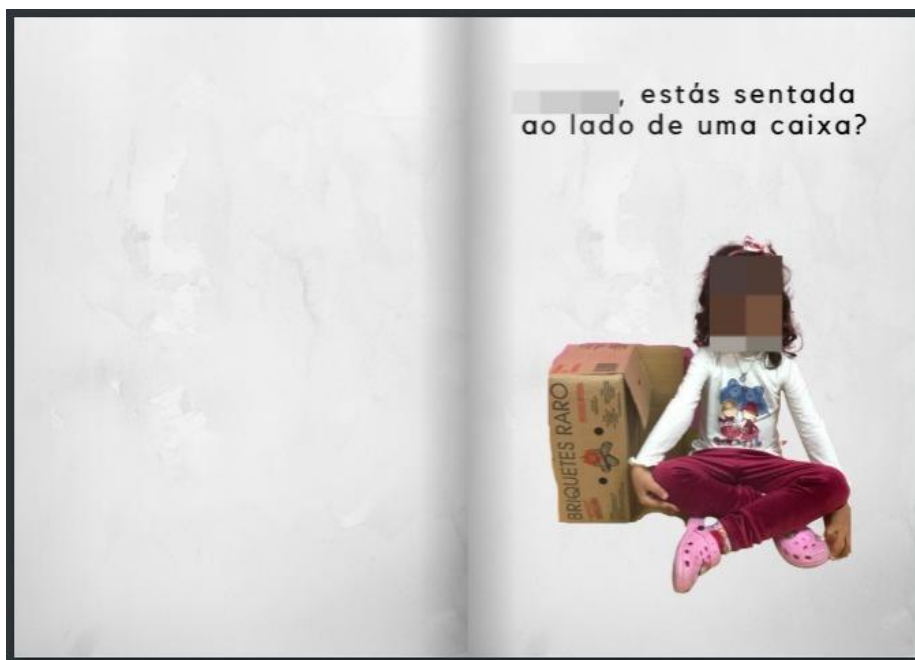


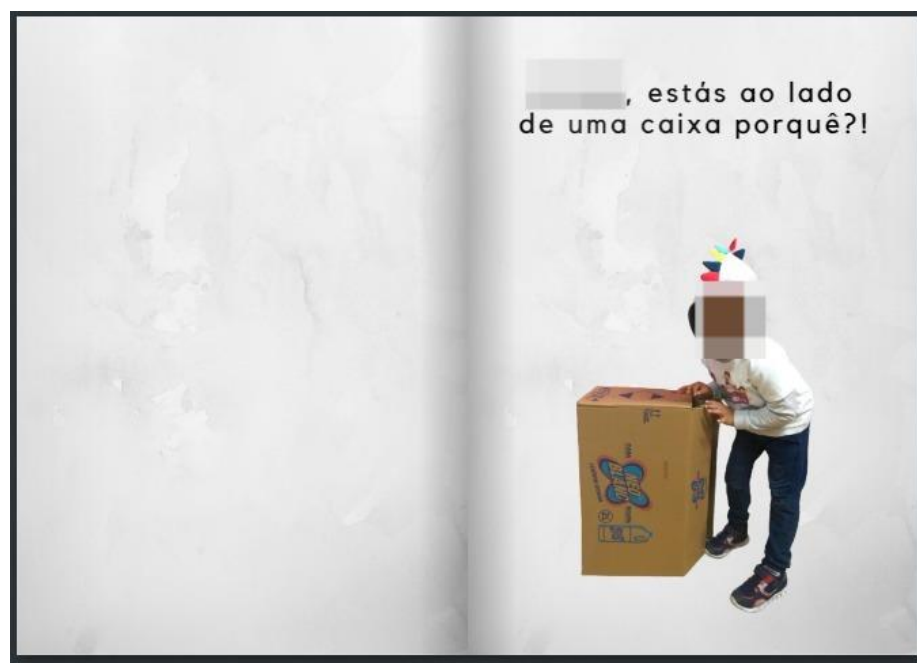


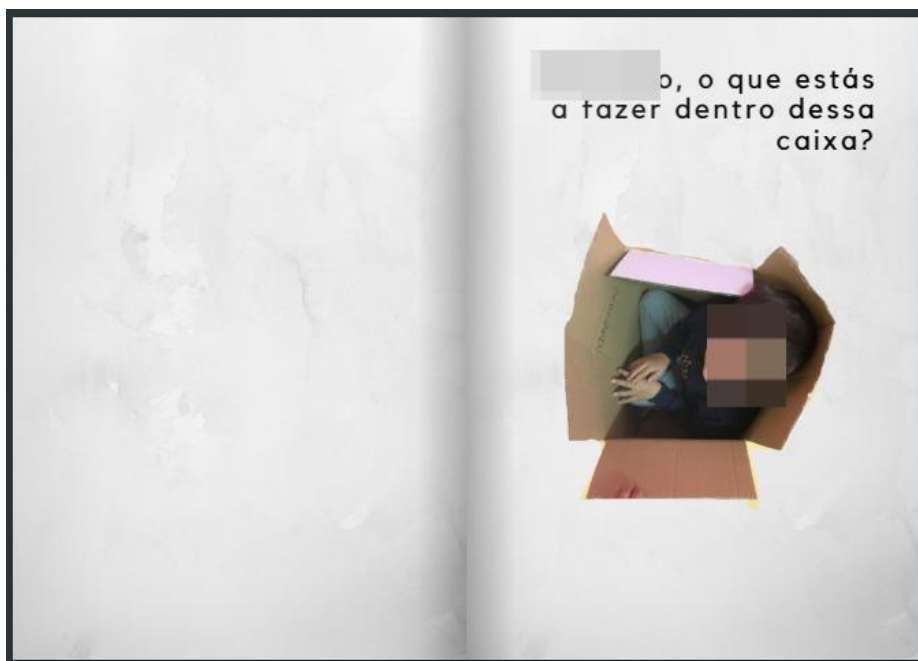


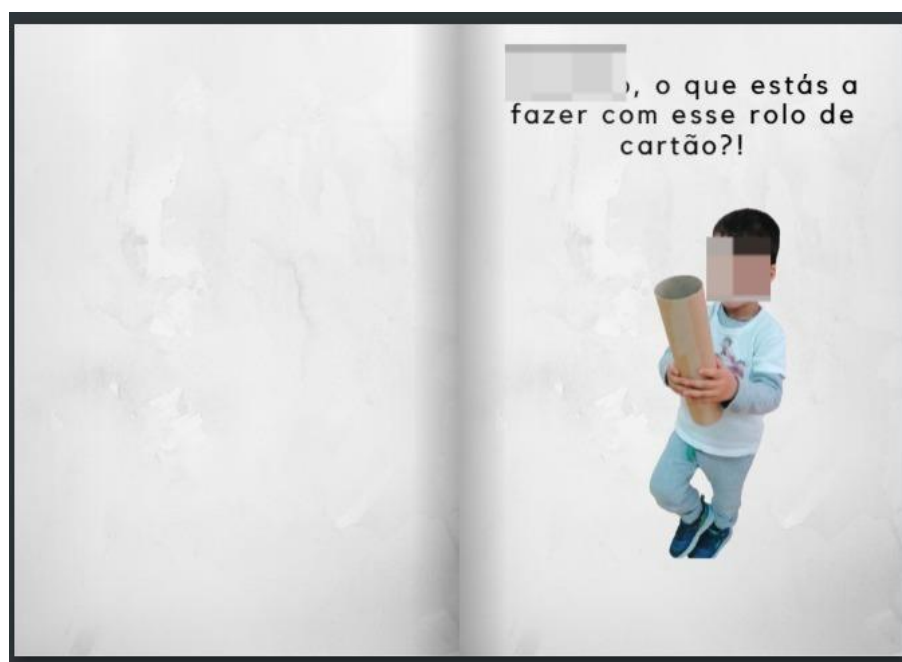




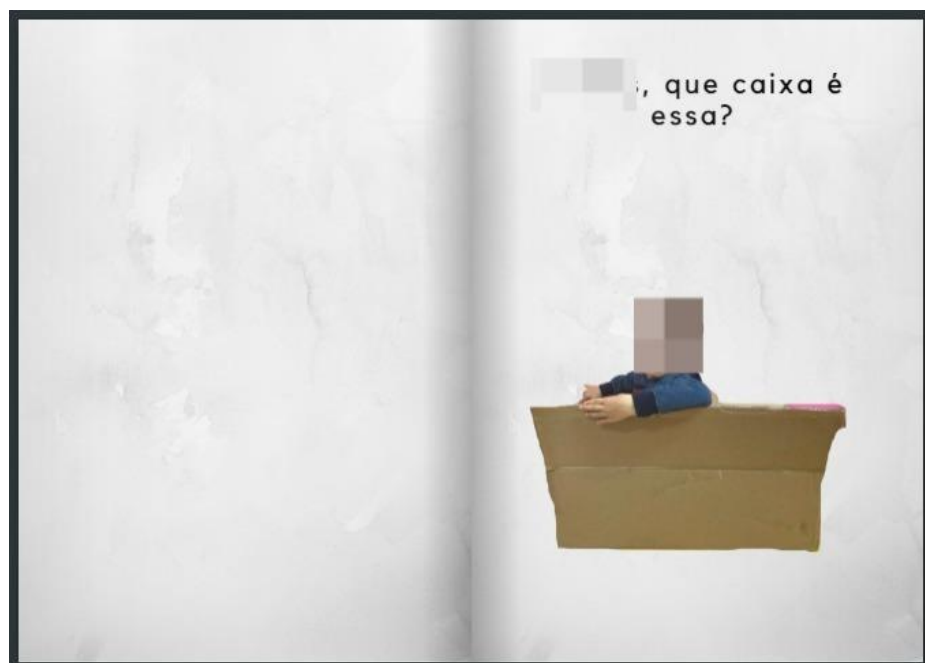


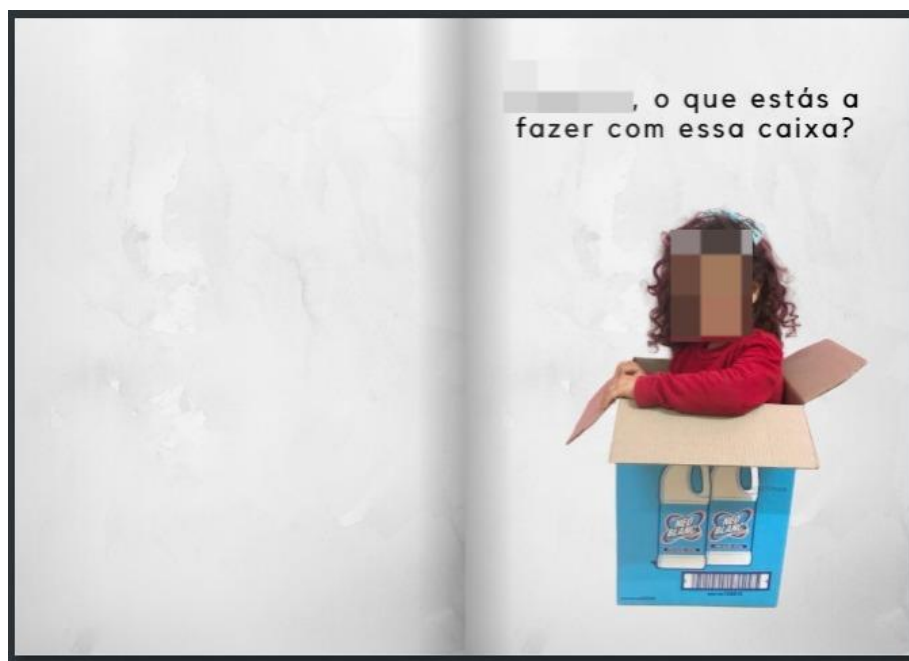


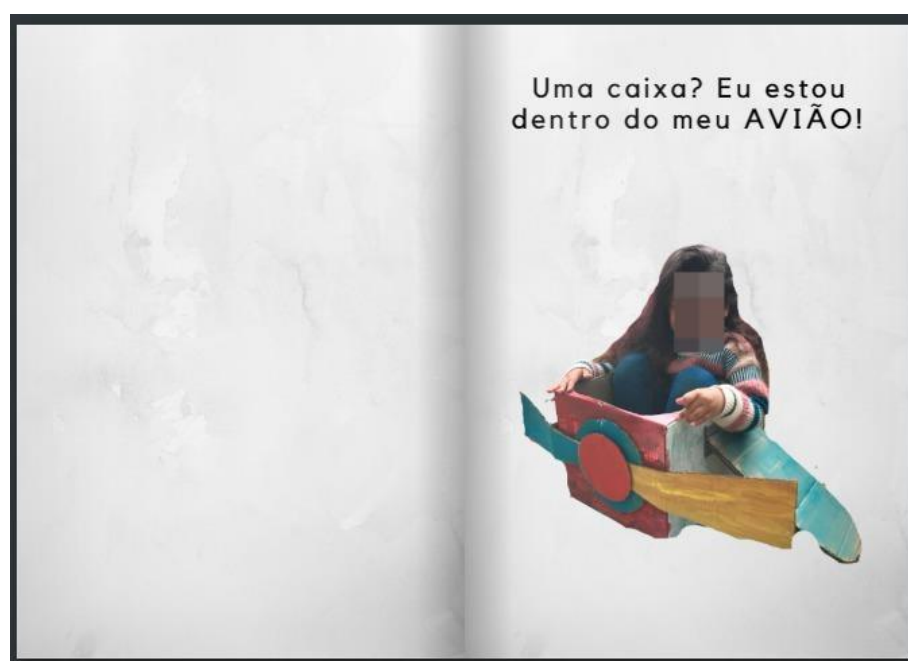


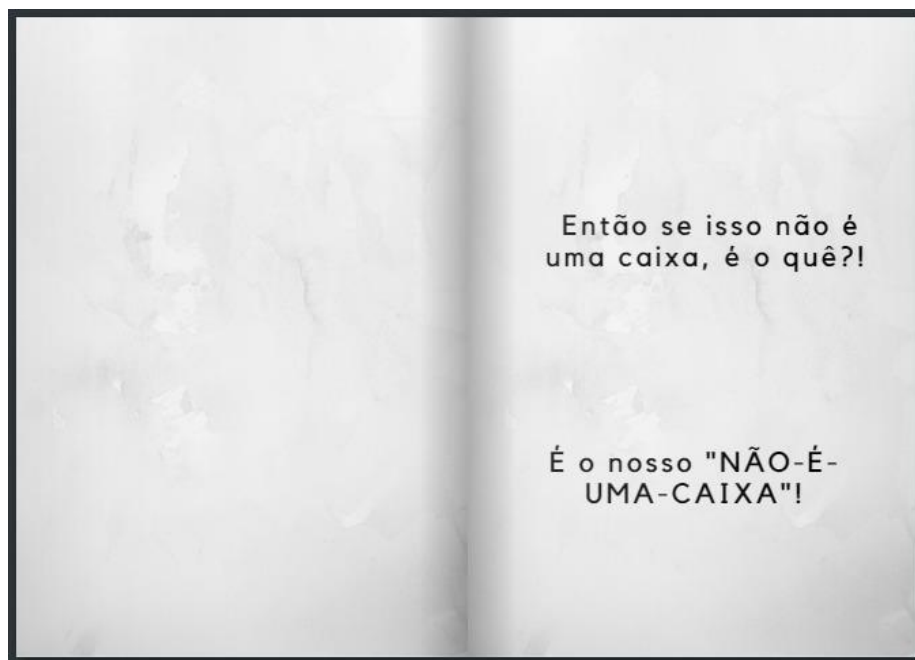












Apêndice 7

Quadro de resultados

Quadro 3

Comparação entre os projetos, a construção de cartão e a realidade

PROJETO	CONSTRUÇÃO COM CAIXA DE CARTÃO
	
	
	

A MINHA "NÃO-É-UMA-CAIXA" AVIÃO 	
A MINHA "NÃO-É-UMA-CAIXA" BOLA 	
A MINHA "NÃO-É-UMA-CAIXA" CARRO DE CORRIDA 	
A MINHA "NÃO-É-UMA-CAIXA" ELEFANTE 	









Apêndice 8

Entrevista à educadora cooperante

Entrevista à educadora cooperante

Entrevistador: Bom dia, educadora M.! Agradeço muito a sua participação.

Entrevistado: Bom dia, sempre ao dispor.

Entrevistador: Em primeiro lugar, queria perguntar como avalia o desempenho deste grupo na realização de trabalhos de artes visuais?

Entrevistado: É um grupo que colabora bastante com as propostas apresentadas, sendo que é uma expressão que eles gostam muito de explorar.

Entrevistador: Considera que as artes visuais têm influência na criatividade das crianças?

Entrevistado: Sem dúvida, estando a criatividade relacionada com o ato de criar, potencia e envolve inúmeras competências. Tais como: o autoconhecimento, confiança, sentido crítico, cooperação, capacidades motoras...

Entrevistador: Qual a sua opinião acerca do conjunto de atividades implementadas, uma vez que o objetivo seria realçar essa relação (artes visuais-criatividade)?

Entrevistado: No meu ponto de vista, acho que o objetivo foi atingido, surgindo trabalhos bem diversificados e com um grande grau de envolvimento e entusiasmo.

Entrevistador: Muito obrigada pela sua participação, ajuda e disponibilidade!

Entrevistado: Obrigada eu pelo empenho e dedicação!

